

O GALO

NATAL
400

ANO XI - Nº 11 - Novembro, 1999

NATAL-RN FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA



O Movimento Armorial, criado pelo escritor Ariano Suassuna, ganha foros de maioridade e conquista espaço nas universidades européias. Idelette Muzart, da Universidade de Nanterre, em Paris, é hoje uma autoridade nessa matéria, na Europa. Em entrevista ao GALO ela fala de Ariano Suassuna, Câmara Cascudo e do seu novo livro *Em demanda da poética popular - Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*.

O II Encontro com a Literatura Nordestina é tema do encarte desta edição, contando o que aconteceu de importante nesse evento que trouxe



a Natal grandes nomes da literatura brasileira contemporânea, como Francisco Dantas, Virgílio Maia, Maria Lúcia dal Farra, Sérgio de Castro Pinto e Carlos Newton Júnior.

Ainda neste número, textos de Câmara Cascudo, Bartolomeu Correia de Melo, Luís Carlos Guimarães, Paulo de Tarso Correia de Melo, Edônio A. do Nascimento, Dailor Varela, Afrânio Pires Lemos, Pery Lamartine, Josimey Costa, Acyr Castro, Dorian Gray, Jarbas Martins, Tassos Lycurgo, Marcos A. Silva e Rubem Rocha.

Índice

- 3 Dailor Varela** - chegam de M. Lobato "Canções do Exílio"
- 4 Rubem Rocha Filho** - poeta resgata mística do Grande Hotel
- 5 Afranio Pires Lemos** - cronista lembra o dia em que Natal viu o primeiro avião a jato
- 6 Pery Lamartine** - Breve introdução à obra do autor do livro *O Pequeno Príncipe*
- 7 Edônio Alves Nascimento** - Reflexões sobre Oswald de Andrade e o sentido da viagem
- 9 Brasigóis Felício** - cronista goiano medita sobre o significado das coisas belas deste mundo
- 10 Luís da Câmara Cascudo** - Historiador relata a história da Padroeira de Natal
- 11 ENTREVISTA** - Idellete Muzart Fonseca dos Santos
- 15 II Encontro com a Literatura Nordestina** - Reportagem e ensaio poético
- 19 Bartolomeu Correia de Lima** - Maré verde de lembranças do vale do Ceará-Mirim
- 20 Acyr Castro** - Jornalista paraense analisa obra literária de Francisco Sobreira
- 21 Luís Carlos Guimarães** - poeta explora o conto fantástico em "A Menina da Janela"
- 23 Marcos A. Silva** - artista plástico comenta as letras das canções
- 24 Josimey Costa** - contista revela certos segredos das flores
- 25 Dorian Gray Caldas** - análise crítica da poesia amazônica de Jorge Tufic
- 27 Tassos Lycurgo** - O que é mais inóspito que a idéia de um filósofo?
- 28 POIS É A POESIA** - Paulo de Tarso Correia de Melo apresenta poesia de Márcio de Lima Dantas
- 29 Maria Gilza Medeiros** - poema premiado em concurso do INSS
- 30 Jarbas Martins** - onde as dunas da cidade do Natal dão poesia
- 31 LANÇAMENTO** - novos livros de história, poesia e antologia **Correio d'O Galo** - uma carta do escritor potiguar Renard Perez
- 32 Ruy Espinheira Filho** - soneto resgata imagem do pai lendo "Hora Absurda" de Pessoa

Atualidades armoriais

A atualidade do Movimento Armorial, revolução nas artes nordestinas idealizada por Ariano Suassuna, é um dos principais tópicos da entrevista que o jornalista Nelson Patriota fez com a escritora Idelette Muzart Fonseca dos Santos. Francesa apaixonada pelo Brasil, como ela se confessa ser, a professora Idelette é hoje uma das maiores autoridades em literatura brasileira na Europa, haja vista que ensina a cadeira «Cultura e Literatura Brasileira» na Universidade de Nanterre, em Paris, além do que ensinou durante muitos anos a disciplina Literatura Oral, na Universidade Federal da Paraíba. Recentemente, lançou pela Editora Unicamp, de São Paulo, o livro *Em demanda da poética popular - Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*. O livro desenvolve questões importantes da cultura oral brasileira, tendo como fundo a obra de Ariano Suassuna, um autor que, segundo a escritora francesa, «já deveria ter sido agraciado com o prêmio Nobel».

Outro destaque da edição é o encarte sobre o II Segundo Encontro com a Literatura Nordestina, que aconteceu no mês passado, numa promoção da Fundação José Augusto. Além de ampla matéria jornalística sobre os três dias do evento, o encarte traz a conferência proferida pelo poeta Sérgio de Castro Pinto, um dos principais nomes da poesia paraibana da atualidade.

A crônica aparece com especial destaque neste número. Afrânio Pires Lemos, Brasigóis Felício e Bartolomeu Correia de Melo mostram a vivacidade desse gênero literário que continua produzindo páginas memoráveis. Afrânio lembra a Natal de meados do século, surpreendida pelo vôo de um jato, fato inédito na pacata cidade; o cronista goiano Brasigóis reflete sobre o significado do belo na vida humana; Bartolomeu retira dos desvãos do tempo a Ceará-Mirim que conheceu com os olhos de menino.

Dorian Gray Caldas e Tassos Lycurgo, Edônio Nascimento, Acyr Castro, Marcos A. Silva e Pery Lamartine exploram aspectos distintos do ensaio literário, e os resultados surpreendem pela qualidade dos textos e a originalidade dos temas. Dorian optou pela análise da poesia amazônica de Jorge Tufic, uma das grandes vozes da poesia brasileira; Pery Lamartine

escreve uma breve apresentação para quem quer conhecer melhor a obra de Saint-Exupéry, o celebrado autor de *O Pequeno Príncipe*, livro que ainda é hoje é best seller em vários países, inclusive no Brasil. Tassos Lycurgo, nosso filósofo em Sussex, Inglaterra, se pergunta sobre a utilidade do filosofar e extrai daí reflexões instigantes. Edônio Nascimento aborda a importância das viagens que Oswald de Andrade empreendeu à Europa para a sua própria obra e para o Modernismo em geral. Acyr Castro, jornalista paraense sempre atento ao que acontece na literatura nordestina, faz acurada análise de *a Venda Retirada*, novela mais recente de Francisco Sobreira; Marcos A. Silva discute a relação entre poesia e letras de música na canção popular brasileira.

Luís Carlos Guimarães estréia no conto com «A menina da janela», onde explora o filão do gênero fantástico. Josimey Costa conta por que as violetas podem se deixar morrer...

Mas talvez o que distinga melhor esta edição de O GALO seja a oferta excepcional de poemas que permeiam suas páginas. Dailor Varela manda notícias poéticas do exílio paulistano, Ruy Espinheira Filho envia um soneto inédito de rara beleza, Jarbas Martins visualiza concretamente as dunas de Natal, Rubem Rocha Filho recupera imagens que ficaram dos tempos áureos do Grande Hotel, Paulo de Tarso Correia de Melo ocupa excepcionalmente a coluna *Pois é a poesia* para apresentar a poesia de Márcio de Lima Dantas, que acaba de estreitar com o livro *Metáfrase* que, segundo Paulo de Tarso, já se apresenta madura. A poetisa Maria Gilza Medeiros, premiada em concurso realizado pela superintendência estadual do INSS, estréia com o poema premiado, *Resgate*, para que um maior número de leitores possa avaliar seu talento poético.

Finalmente, cumpre agradecer aos artistas plásticos Dorian Gray Caldas, Ana Amélia Fernandes e Aucides Sales pelos trabalhos que prepararam especialmente para esta edição, e que foram fundamentais para dar vivacidade e brilho aos textos que ilustraram.

Atenciosamente,

O Editor

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA TORRES
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Jailton Fonseca
Produção

Colaboraram nesta edição: Maria Lúcia dal Farra, Idellete Muzart Fonseca dos Santos, Luís Carlos Guimarães, Pery Lamartine, Dorian Gray Caldas, Ana Amélia Fernandes, Sérgio de Castro Pinto, Marcos A. Silva, Tassos Lycurgo, Bartolomeu Correia de Melo, Jarbas Martins, Afrânio Pires Lemos, Josimey Costa, Edônio Alves Filho, Dailor Varela, Rubem Rocha Filho, Brasigóis Felício e Acyr Castro.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020-220 - Tel (084) 221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0345. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. E-mail do editor: nelson@digicom.br

Canções do exílio

Dailor Varela

Após um silêncio prolongado, chegam notícias do exílio. Finisterra fica nas suas imediações. O poeta Dailor Varela descerra a cortina da cristaleira de lembranças e retoma o diálogo com a província natal que trocou por terras lobatenses. As notícias chegam aos borbotões, como a indicar que o poeta tem urgência de dizer o quanto lhe dói estar tão longe e há tantos anos desenzairrado/desterrado/exilado. A Natal que Dailor preserva nos nichos de imagens pretéritas são nomes. O poeta quer simplesmente dizer que uma cidade são seus habitantes, notadamente aqueles que se distinguem por uma arte, um talento, uma vontade mais decidada: seus artistas. (N.P.)

1 Na tela da TV
Natal é muda paisagem eletrônica
que se dissolve num turístico
cartão postal
Mudo e frio
Onde falta o poeta Luís Carlos
Guimarães recitando
bêbados poemas marinhos.
A TV não fede, nem cheira
Não há a maresia, nem a sensualidade
do mistério das ostras.

4 Sebastião Carvalho
diagrama a Tavares de Lyra
com a régua bêbada
de noites mal dormidas.
Edita o sonho
e morre de tédio.

8 Sandersen Negreiros
me ensinou filosofia socrática
sem dizer uma só palavra
havia uma cumplicidade grega
no silêncio da sua casa
em Ponta Negra.

2 O poeta João Gualberto
dá um salto mortal no trampolim
da vitória
Cai na rede
sem ser peixe.
É apenas poeta.

5 Dona Floripes Varela
me escreve cartas
Potyguar banzo
que eu escondo em mim,
tímido aprendiz de
filho e poeta.

9 Falves da Silva me fazia
Ouvir Bob Dylan
Que virou um amor eterno
descendo a ladeira
do sol
Pedras rolando.

3 Fantasmas do tempo
passeiam pelas ruas da Ribeira
cantando cantos gregorianos
para Newton Navarro.

6 Chico Miséria usava
Óculos escuros e colírios
contra o sol que
ele criava.
Delirante vôo
contra caretas.

10 O poeta Nei Leandro de
Castro passeia pelas calçadas
de Laranjeiras
carregando no bolso
um sol potyguar
que ele acende
quando está bêbado.

Monteiro Lobato, SP 16/06/99



A Um Hotel Transfigurado

Rubem Rocha Filho

Para onde fogem os fantasmas do Grande Hotel?
Fazendeiros de magras boiadas sumidas no ar,
o Monsenhor de longa batina, a ladainha em latim,
o vermuth no tampo de mármore,
as sancas, as luminárias para sempre apagadas.
Políticos de punhal na cava do colete, o anel de grau,
em sépia o instantâneo dos hóspedes,
o fio de prata no relógio, há muito, suspenso no tempo.
As tramas dos coronéis, os candidatos ao sabor do bico de pena.
As partidas embarcadas do Recife e subindo o Potengi.
Para onde, agora, seus sussurros, a carta de crédito, as pérolas da atriz espanhola?

Traçado o novo destino das salas, esmaecidos os arcos,
inesperadas linhas para a sóbria arquitetura.
Por entre sacos de cimento, o ácido, o solvente,
algumas almas de malassombro espreitam o cais.
Ousam ou não descer a ladeira?
Escoraçadas pelo Tribunal,
A justiça ministrada no computador,
o promotor sem toga, o juiz de óculos rayban.
Nas calçadas desgastadas,
o sono das sombras busca o armazém de portadas largas,
as teias quietas nas frestas do cofre de segredo e marisia.
Mas cautela! as grades de poeira se abriram em outros comércios:
lanchonetes, terminas eletrônicos, o Pão Center, o caminhão-freezer dos peixes.

Aí, para onde, então, podem escorrer os dedos rarefeitos?
Se o hotel navega rumo outras mortes,
se o além-vida que sobrara na comanda do garçon,
no som da campainha pelo enigma dos corredores,
o consomé e o vinho do Porto - tudo isso demolido.
Escapar para quais recantos? - confabulam os espíritos.
Que tal subir a encosta, esmagada em edifícios?

Cuidadinho, porém! as aparências enganam:
ali perto, a imponente Casa do Empresário virou bar do Executivo,
e na elegante vivenda em frente, convivem aflitas
as placas da Pousada Skorprios e a Seara de Cristo do Dr. Januário.
Talvez o Teatro, mais ao alto?
nas dobras do velário sempre acharão alento,
no desvão das frisas, no canto de musgo junto ao banco do jardim,
- ainda que não se escute a claque festejando Procópio,
o assovio da valsa do Marialva, os versos tremidos da declamadora -.
Meio dia, sol a pino, os operários da obra se estiram no portal,
a sandália solta, a camiseta de cerveja e guaraná;
o fogareiro arde no quintal do fundo.
A reconstrução consumida, a mão final de tinta, os pés de cal e rachaduras.

Um deles lava os pratos na água do tonel.
Mais que nunca os fantasmas acuados.
Uma folha de jornal esvoaça com a notícia da queda de Paris,
o botão da farda do major americano
- o cargueiro torpedeado pelo submarino alemão, os argentinos não reconheceram os
naufragos -
a tampa do pó de arroz com o pompom da dama antiga,
os laços de lençol de outras eras, em renda um resto de fotografia do Zeppelin.

Os desejos escondidos no assoalho, na ressonância do armário,
as vozes arrastadas na corrente do elevador.
Mas para onde se escoam os fantasmas?
Em que refúgio irão contar suas translúcidas histórias?
Ah, quem sabe, o trem!? O trem de ferro bordeando o rio!
Escorregam nos trilhos fugidios espectros, refletidos no crepúsculo.
Até serem recebidos pela úmida senhora do lago, exaustos, rastejantes,
gotejam na soleira da Casa Grande onde o Nilo parou, a esfinge morta.
Mas ainda transbordam por suas reinações de cinza e neblina.

Avião a jato

Afranio Pires Lemos

Ultimamente esta capital tem sido visitada por aviões a jato da FAB, prestando serviços na Base Aérea de Fortaleza. A população parece ter regredido à era das primeiras aeronaves e do Zepellin, e é só ouvir seus zumbidos nos céus e correr para a rua, tentando vê-los, num golpe de vista.

E me lembrei... Na noite de 14 de julho de 1953, o Comet II pousaria em Natal. O Comet II, avião da moda, propriedade do industrial inglês sir Geoffrey de Havilland, diretor-técnico da De Havilland Aircraft Co. Ltd. e responsável por dezenas de bons aviões civis e militares, trabalhava agora no "Comet II", pois o I explodira em pleno ar, quando voava a 800 quilômetros por hora, no percurso Londres-Tóquio. Com o sucesso do transporte aéreo, os concorrentes mundiais queriam um, e de Havilland caprichava no seu, pois tudo indicava que o Comet não apresentaria defeitos que outros aviões a jato vinham apresentando. Até 1954 o único desastre fora o de queda do Comet I, numa tempestade perto de Calcutá. Também, com tempestade, hem?...

Porém, mal o ano de 54 começara e, numa viagem de Londres a Roma, o Comet II explodiu em pleno ar, em cima da ilha de Elba. Morreram 23 pessoas e o mundo se horrorizou. Todavia com garra e determinação, seus reatores foram recuperados e partia-se para novos estudos, quando outro Comet caiu de novo, perto de Roma, matando 21 passageiros. Aí foi tragédia mesmo e todo mundo ficou com medo. Todos os aviões foram recolhidos, principalmente depois do relato de um sobrevivente que disse parecer que o avião ia-se desintegrar em pleno vôo, tal a força que o vento imprensava a aeronave, na ânsia de destruí-la. E se pensou aí em pressurização. Uma pressão igual a do exterior, dentro da nave, hermeticamente fechada e que mantivesse as pessoas ali, livres do desconforto de zumbidos e desse perigo de se desintegrarem, mesmo ao se voar em grandes altitudes. Novidade que cabe a De Havilland e que hoje todos os aviões a jato possuem.

Bom, depois dessas informações técnicas que os jornais trouxeram em diferentes épocas, naquela noite de 14 de julho de 1953, um desses Comet, o IV, da BOAC, a toda poderosa companhia britânica que mantinha a predominância da aeronave e seria quase um símbolo seu, expandiria vôos, pousando em Natal numa escala técnica, predeterminada. E, como não poderia deixar de ser o povo queria ver e examinar o avião não apenas para se sentir orgulhoso do que presenciava, como

para se vangloriar pelo fato, verdadeiro instante histórico-aeronáutico, em Natal. Já com outros feitos registrados.

Voltávamos do trabalho, eu e Hugo, falando sobre o acontecimento e como a imprensa movimentara a cidade para assistir o pouso em Parnamirim, resolvemos checar o Grande Ponto. Automóveis de aluguel para quem quisesse, ônibus e caminhões, todos já quase lotados, pois a hora aproximava-se, e partiriam já para a Base Aérea.

Lambretistas também festejavam. Mesmo em briga com a Inspetoria de Trânsito, por causa dos desmandos que praticavam pelas ruas, com as motonetas perigosas, a pôr em risco a vida de pedestres, eles compareciam saudando-nos e conclamando à ida. O Grande Ponto estava em festa parecida com a do fim da guerra. Por um momento desejamos ir, eu e Hugo. Ainda discutimos, mas a decisão fora "não". Não seríamos bocós. Não iríamos.

E seguimos para sua casa, deixando a caravana, já de partida, entre opiniões, rojões e flashes fotográficos. Amanhã e depois e depois os jornais publicariam.

Fomos jantar em sua casa e na esquina da João Pessoa, avançávamos para um dos canteiros da Deodoro, em frente ao Cine Rio Grande. Ali, às 18 horas e 45 minutos, escuro o céu, noite de chu-

vas aninhadas, resolvendo se caíam ou não, se viam ou não o Comet em Natal, ouvimos de chofre, o sibilo...

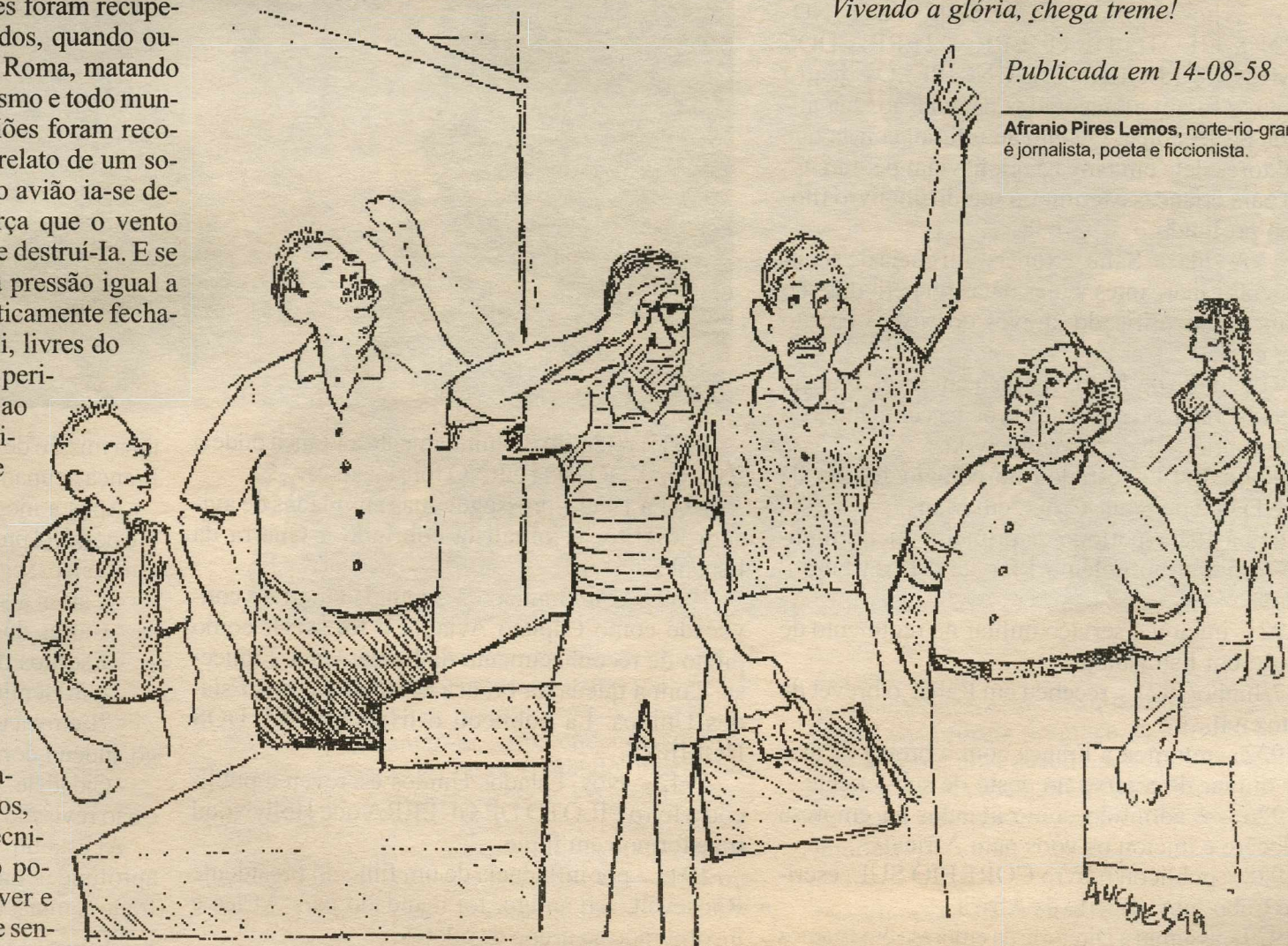
Durante uns trinta segundos, um sibilo fino, delicado. Segurei o braço de Hugo e ele estacou. Estávamos presenciando o momento histórico-aeronáutico-de-relevância-cultural. O do jato debutante em Natal. Chamei-lhe a atenção. Ouvisse. Patenteasse.

E, para ele não ouvir, fui compondo, para mim só, versos assim:

*Avião a jato passou, eu não fui.
Era um zumbido fino, um instante da vida,
A noite nos presenteava o Comet da BOA C
Voando a mais de 800 quilômetros por hora
Obrigando aeroportos a terem pistas maiores
Com mais de 3. 000 metros
E a reforçar os controles de aproximação
Rever os trens de pouso, o atrito e o som
Para uma velocidade Mach 2,2
E com passageiros a bordo
Sensação de modernismo e de progresso
Nos deixava na alegria de viver aqui.
Com saudade dos tempos velhos
E sonharmos com os anos à frente,
Natal com sua vocação histórica
De aviatórios feitos e orgulhosa disso
No mundo que cresce ou diminui
Vai agora em turbinas supersônicas
Primeiro aeroporto na America do Sul,
Vivendo a glória, chega treme!*

Publicada em 14-08-58

Afranio Pires Lemos, norte-rio-grandense,
é jornalista, poeta e ficcionista.



Saint-Exupéry

Breve roteiro para conhecer a obra do autor de *O Pequeno Príncipe*

Pery Lamartine

Marcel Migeo, um dos biógrafos de Saint-Exupéry, escreveu na página 33 do seu livro, o seguinte perfil do biografado: "Saint-Exupéry era alto e bem constituído. A sua maneira de andar era um pouco arrastada. Tinha na face traços sólidos, que freqüentemente refletiam a concentração do seu espírito. A voz, na conversação habitual, era surda, mal se ouvia, mas o seu tom elevava-se rapidamente, sempre que expunha qualquer idéia que o preocupava ou desenvolvia determinado raciocínio. O olhar refletia a grande curiosidade do seu espírito. A íris, de cor castanha, colocada muito alta, deixava aparecer por baixo o branco do olho. Saint-Exupéry não era belo, mas cativante. Até quem não o conhecesse o notava. Não podia ser indiferente fosse para quem fosse. O rosto, quando não refletia concentração, tinha qualquer coisa de reservado, mesmo tímido. Na conversação, às vezes animava-se e tornava-se dramático ou bufão. Já aos vinte anos tinha indiscutivelmente um caráter uma personalidade."

Assim era o homem que se tornou um dos maiores escritores contemporâneo da França, apesar de só haver produzido cinco livros (deixou o sexto livro inacabado cujo título era CIDADELE). Os cinco escritos são: CORREIO SUL, VÔO NOTURNO, PILOTO DE GUERRA, TERRA DOS HOMENS e PEQUENO PRÍNCIPE. Os quatro primeiros foram ambientados na aviação, sua atividade profissional. Quanto ao último, consta que os editores dele em Nova York haviam pedido um livro para crianças e terminou saindo um livro filosófico profundo.

A vida de Saint-Exupéry foi cheia de acontecimentos marcantes, cujas datas ou períodos são facilmente identificado através dos livros escrito sobre ele:

29 de junho de 1900 – nasceu em Lion, França.

1912 – realizou o primeiro voo na companhia do piloto Gabriel Salvez ou Wroblewski.

1909 à 1914 – estudou no colégio Jesuíta de Notre Dame de Saint-Croix, em Mans.

1914 à 1917 (período da primeira guerra mundial), estudou no colégio Marista em Friburgo/Suissa.

1921- iniciou o serviço militar no regimento de aviação em Estrasburgo.

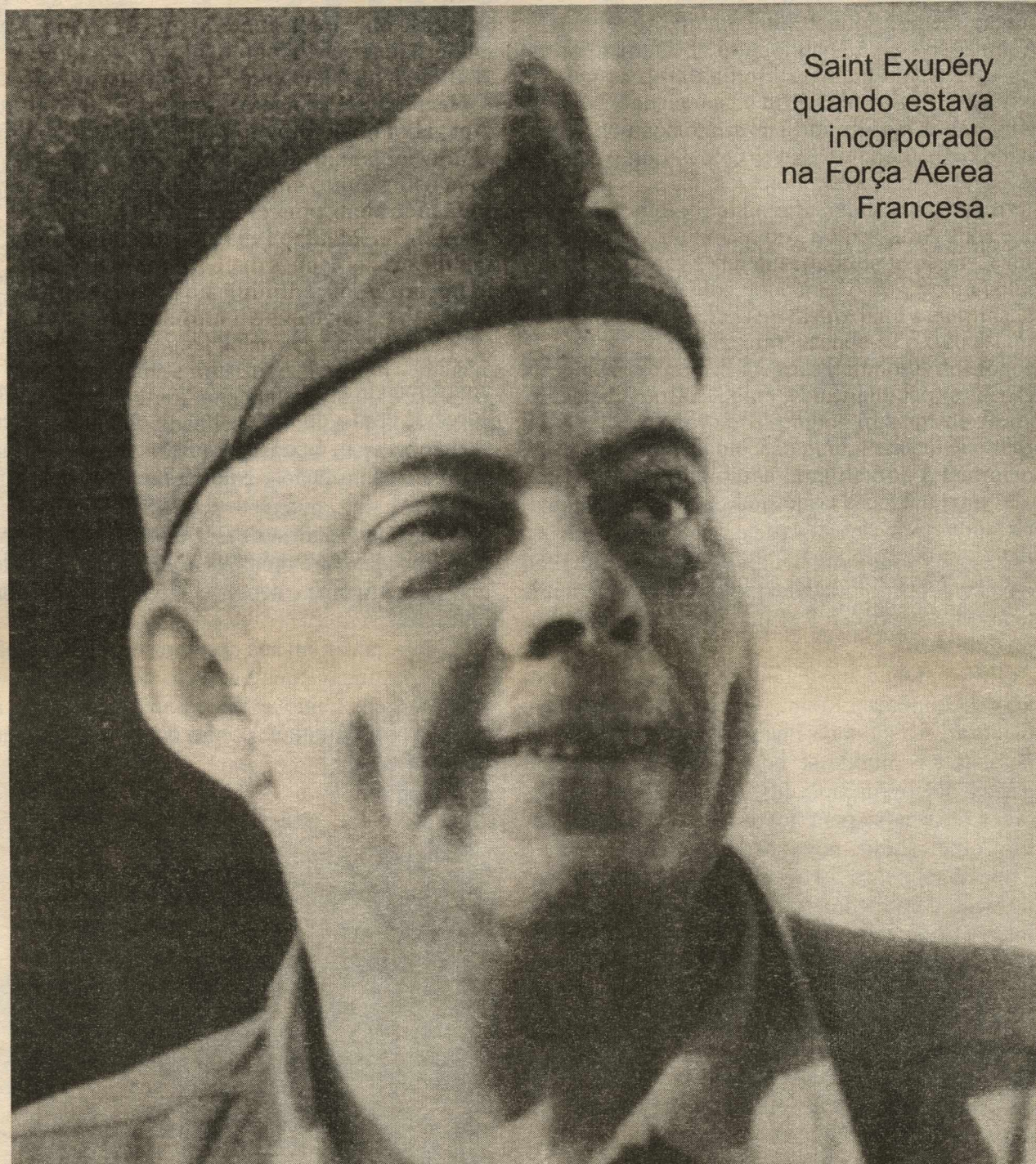
17/Junho/1921 – recebeu em Rabat o brevet de piloto civil.

1922 – retornou a França com o brevet de aviador militar da reserva no posto de sub-tenente.

1926 – é admitido como aviador na empresa Latécoère e iniciou os vôos para África.

1928 – publicou o livro CORREIO SUL, escrito no Cabo Juby, deserto da África.

1929 – assumiu a Diretoria da empresa em Buenos Aires.



Saint Exupéry quando estava incorporado na Força Aérea Francesa.

1931 – retornou definitivamente a França onde o seu livro VÔO NOTURNO foi lançado.

1931 à 1939 – prossegue suas atividades de aviador, escritor e jornalista cobrindo a Guerra da Espanha.

1939 – com o início da Segunda Guerra é convocado como Capitão Aviador e foi servir como piloto de reconhecimento da Força Aérea Francesa. Com a queda da França escapou para os Estados Unidos. Lá publicou o livro TERRA DOS HOMENS.

1942 – Nos Estados Unidos escreveu e publicou o livro PILOTO DE GUERRA que Hollywood transformou em filme.

1943 – por influência de um filho do Presidente Roosevelt, seu amigo, foi mandado para África e incorporado ao grupo de pilotos.

1944 – 31 de julho – decolou da Córsega para

uma missão de reconhecimento sobre ao território da França ocupada pelos alemães e não retornou.

Após a morte, os editores reuniram todo material possível produzido por Saint-Exupéry e publicaram com os seguintes títulos:

- Cartas a sua Mãe.
- Cartas do Pequeno Príncipe.
- Escritos de Guerra.
- Um Sentido para Vida.
- "Lettre à un Otagé" dirigida a um grande amigo, judeu Léon Wert.
- Cidadele – livro deixado pelo autor, incompleto e não revisado.

Aí está um roteiro para aqueles que desejam se aprofundar na obra desse extraordinário escritor francês mais lido no mundo.

Pery Lamartine é pesquisador da literatura aeronáutica e autor dos livros *Epopéia nos Ares e Aeronáutica*.

Oswald de Andrade

Poeta, burguês, sem profissão. Por que e para que viaja um brasileiro?

Além do riso, é próprio do homem viajar.

(Francisco Foot Hardmann - *O trem Fantasma*)

Edônio Alves Nascimento

Em recente curso ministrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde se buscava definir, ao menos introdutoriamente, o papel das imagens e experiências de viagem, das narrativas de viajantes e suas implicações históricas, antropológicas e estéticas para o campo da literatura, nos foi apresentada a oportunidade de tomarmos como objeto central de preocupação teórica o tema da viagem, e, neste contexto, o quanto ele tem de revelador e inspirador para os estudos comparados da arte literária.

Coube-nos, assim, a partir da nossa inserção em um dos grupos temáticos de discussão da questão, a tarefa de resenhamos um texto do professor e ensaísta, Silviano Santiago, intitulado "Por que e para que viaja o europeu?"¹ em que, a partir de sua leitura de um outro texto, "Viagem pela hiperrealidade", primeira parte do livro do escritor italiano Umberto Eco, "Viagem pela irreidade cotidiana"², o ensaísta discorre acerca das contingências históricas e antropológicas que permeiam a visão de mundo que inevitavelmente um sujeito adquire como resultado de seu deslocamento físico e/ou imaginário, vale dizer intelectual, à paragens nunca dantes visitadas.

A viagem em discussão (no caso uma viagem literária, ensaística, que resultou no livro já citado) foi levada a curso pelo escritor italiano quando este se debruçou com "olhos e palavras" sobre a cultura americana contemporânea - notadamente a estética hiperrealista - para daí tirar conclusões que, se bem pesadas, não vão além das que alimentariam os turistas internos e externos nos Estados Unidos, nas palavras do próprio Silviano Santiago. É, pois, com este tipo de olhar "turístico" sobre o outro - salvo, claro, as exceções de sempre - que o europeu (intelectual ou não) costuma viajar, já que, no mais das vezes, anda sempre desacompanhado da curiosidade intelectual verdadeira e do sentimento de alteridade³ necessários para que, num movimento especular, possa abandonar a sua costumeira postura

etnocêntrica e não empreender, como foi o caso, apenas uma "viagem turística pelo óbvio americano", mas possa peregrinar também pela própria Europa com outra visão de mundo, "talvez menos auto-suficiente, certamente menos ingênua e possivelmente menos autoritária.(...)"⁴

Ora, trouxe-mos o registro acima para situarmos o contexto lato do que se pretende discorrer aqui acerca de uma outra circunstância de viagem digna da apreensão teórica em questão pelo que ela tem de fundamental na determinação dos novos caminhos trilhados pela literatura brasileira a partir do movimento modernista fundado em 1922 com a Semana de Arte Moderna de São Paulo.

Fala-se, obviamente, do papel que desempenharam as viagens à Europa, empreendidas pelo escritor e poeta Oswald de Andrade, na sua formação intelectual, estética e humana, e, por conseguinte, da importância que tiveram todos estes seus deslocamentos físicos na determinação de um outro tipo de deslocamento - este histórico e estético - também empreendido por ele dentro dos movimentos culturais que se denominou primeiro de Pau-brasil e, posteriormente, como desdobramento deste, de movimento Antropofágico, no escopo geral da literatura brasileira.

É sabido que em fins da segunda década deste século que finda o poeta paulista tomou para si a revolucionária e duríssima tarefa de "acertar o relógio império da literatura nacional".⁵ Essa sua tarefa, contudo, foi cumprida dentro de uma perspectiva em tudo oposta a visão desenvolvida por Umberto Eco quando da sua já citada "apreciação de viagem" à cultura americana. É que embora tendo ambos zarpado de idêntico ponto de partida - o olhar estrangeiro sobre o outro, ou melhor dizendo, o olhar de uma cultura sobre a outra - deu-se, no caso de Eco, a instauração de uma visão pretensamente "superior"⁶ de um Europeu debruçado sobre a América e, no caso de Oswald, a malandra verificação de um exercício de mirada livre de quem se dispunha ver o outro (a Europa pós-guerra e a sua cultura) com o *a priori* de, no seu dizer manifesto, "nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo"⁷. Não nos admira, pois, os



O poeta Oswald de Andrade, num óleo de Tarsila do Amaral

resultados diversos de diferentes empreitadas do espírito.

Mas interessa sim, a nós brasileiros, e este é o nosso caso - já que a temática suscitada pela obra de Umberto Eco diz respeito mais diretamente aos europeus e aos norte-americanos -, o derivativo da empreitada Oswaldiana, vez que dela resultou uma verdadeira revolução na maneira da arte literária brasileira olhar pra si mesma, se auto-enxergar, se auto-construir, depois de ter verificado *in loco* as experiências vanguardistas em andamento na arte européia do início de um século já marcado pelos traumas de uma guerra e pelos desdobramentos, ainda em franca assimilação, dos efeitos da revolução industrial e tecnológica só agora melhor avaliados em seus inexoráveis impactos.

E a quem coube o papel de privilegiadamente testemunhar tais mudanças de eixo nos rumos da arte mundial de então? A quem coube a tarefa de, a partir de uma série de viagens ao chamado teatro de operações, entabular a inserção da arte brasileira - e a literatura em particular -, no concerto universalista das novas tendências estéticas? Coube, como sabemos, por uma série de fatores a que ainda deveremos nos reportar, à figura inquieta e paradoxal de José Oswald de Sousa Andrade, contidos já aí no seu nome a vocação local mas também cosmopolita e universalizante (Oswald - do Inglês) e brasileiríssima, nacional (O José, do nosso íntimo Português). Oportuna fica agora,

pois, a inevitável pergunta já esboçada inicialmente como corolário argumentativo do presente ensaio: Por que e para que viaja um Brasileiro?

Tentaremos responder, inicialmente, apenas a primeira parte da indagação já que o porquê das coisas não raro resulta do exame das suas próprias contingências objetivas. E, em mais este caso Oswaldiano, há pistas objetivas que nos explicam ao menos parcialmente por que o poeta paulista empreendeu sua série de viagens à Europa.

Registre-se desde já que o burguês sem profissão,⁸ um legítimo filho da aristocracia cafeeira paulista, rico e letrado, irrequieto e boêmio, possuía aquele atributo a que todos aspiramos sem exceção: a possibilidade concreta de tornar real algumas das mais caras aspirações do nosso espírito. Assim é que o nosso Oswald, percebendo a oportunidade e a necessidade histórica - particular e coletiva - de empreender para o Brasil uma atualização cultural sem precedentes, fez pelos menos seis viagens à Europa entre 1912 e 1939, sendo a mais importante delas, para efeito desta abordagem, o seu *tour* lírico-boêmio-amoroso realizado em 1922 - ano da Semana de Arte Moderna - em companhia da pintora também modernista Tarsila do Amaral. Sim, necessário se faz explicar: *tour lírico-boêmio-amoroso* porque Oswald de Andrade viajou tanto quanto amou, ou melhor, suas paisagens de viagens foram também passagens do coração, redundando, como saldo prático desta sua empreitada, a bagatela de seis viagens para seis casamentos.

Todavia, fique claro, o concurso da viagem para o poeta paulista significou mais do que isso. Significou também - e a história literária brasileira acabou por comprová-lo - significou - dizíamos -, descobertas essenciais e libertação criadora. "A viagem para ele foi isto: translação mágica de um ponto a outro, cada partida suscitando a revelação de chegada que são descobertas. E o seu estilo, no que tem de genuíno, é movimento constante: rotação das palavras sobre elas mesma; translação à volta da poesia, pela solda entre fantasia e realidade, graças a uma sintaxe admiravelmente livre e construtiva". Vê-se já aqui, portanto, neste resumo percuciente de Antonio Candido,⁹ o quanto o tema da viagem

adquiriu importância tanto para a vida quanto para a obra nosso modernista de primeira fornalha.

É que em Oswald de Andrade as sondagens da experiência existencial não se separavam sobremodo dos mergulhos prospectivos da experiência artística. Prova isso, como já dissemos, aquele tour à Europa em que o poeta juntou à sua bagagem o filho Nonê (José Oswald Antônio de Andrade) do seu primeiro *affair* amoroso com a estudante francesa, Henriete Dinise Bouffleur, a Kamiá, que usurpou da Europa em seu primeiro gesto antropofágico: “Era filha puberdade do dono do restaurante de olhos azuis. / (...) e o escuro da escada subia quedas ao sétimo andar. / Sonhamos um livro de viagem”¹⁰; juntou também a amiga, e já amante, Tarsila do Amaral, e através do ambiente criado em torno do ateliê da pintora, desenvolveu efervescente vida social e artística em que conheceu de perto a nata da intelectualidade artística francesa (Jean Cocteau, Pablo Picasso, Blaise Cendrars, entre outros) que dava a nota definidora da chamada Estética de Paris¹¹.

Foi precisamente nesse ambiente, como veremos, que Oswald se abeberou das novidades estéticas já de há tempo exercitadas na vida e na arte parisiense para depois, no seu segundo gesto antropofágico, fundamentado pelo “olhar livre” de um viajante de visão especular (aquele que vê de fora mas olha pra dentro), criar as bases do modernismo brasileiro. “Foi durante a longa estada parisiense de 1923¹², a mais demorada de suas permanências fora, que assomou a figura do escritor propriamente moderno que aprendemos a admirar em Oswald. Hoje mal avaliamos o que a vida em Paris significou para um casal de ricos brasileiros, cheio de curiosidade modernista, desejando se divertir a valer e se atualizar”, observa e questiona ao mesmo tempo Vinicius Dantas em um belo parágrafo de um ensaio sobre a poesia oswaldiana para depois tentar responder num outro.

“Ainda que não seja nada fácil discernir na agenda dos compromissos sociais a camaradagem franca de artistas e escritores das relações mundanas de um milionário sul-americano, foi sob o efeito desse convívio que o modernista rastaquera se desprovincianizaria de fato. É a lógica de tal processo que nos interessa, visto ter sido ele motivado menos por idéias estéticas e técnicas artísticas (já conhecidas e até dominadas anteriormente) do que pela experiência prática de um contexto que nem a menor correspondência encerrava com o do Brasil. Isso porque na França Oswald de-



Grupo de artistas e poetas paulistanos do Modernismo. da esquerda para a direita: Pagu, Anita, Benjamin Peret, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Elsie Houston, Álvaro Moreyra, Eugênia Álvaro Moreyra.

pararia com uma tradição moderna estabelecida, a caminho de ser plenamente oficializada e contando com infra-estrutura de mercado - este último era o que assegurava sustento e independência à própria vanguarda, ao mesmo tempo que funcionava como fator de conflito e contra-ofensiva.”¹³

Compreendendo em tom inaugural e a nosso ver, um pouco a contrapelo, a lógica do processo acima referido, Oswald de Andrade como que dá o pulo do gato, ao pugnar para a nossa arte ao mesmo tempo a incorporação e o refutamento dos elementos e conteúdos culturais em movimento de assimilação estética por diferentes nações européias para depois fundamentar a estética antropofágica, que foi a versão local da modernização artística do velho mundo de então. “A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de ceticismos - a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos. (...) “Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud - a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.”¹⁴

Tem-se aí clara e cristalina, em forma de manifesto - o que por si só conota a força de uma posição expressamente política de uma cultura sobre outra -, a expressão de uma visão anti-turística do espectro cultural europeu, adquirida por força do deslocamento do olhar que é típico do movimento comum de toda viagem, embora saiba-se de antemão que a via-

gem oswaldiana não possa de maneira nenhuma ser entendida como uma viagem comum. Muito ao contrário, nela o poeta parece ter desejado fazer, numa espécie de alinhavamento de percurso, o esboço, em termos literários, da atualização da cartografia cultural do Brasil a partir do palmilhamento do mapa de viagem europeu que levou na bagagem.

Não é outro o sentido da constatação que segue, que, ademais, só corrobora o tom absolutamente produtivo - que nega o aproveitamento meramente turístico (mesmo em termos culturais) da viagem turística - dos resultados do tour oswaldiano a Paris. “Dando novo alento a um movimento de renovação cultural ainda fracote das pernas e do verso, o contrabando parisiense de Oswald inegavelmente reforçou a consciência de que a modernidade possuía uma problemática local e a perspectiva parisiense falava a fundo ao Brasil do interior.”¹⁵

É, pois, dentro desta lógica que devemos procurar compreender, aí mesmo num contexto transitivo de viagem, as linhas gerais que basearam o pensamento oswaldiano e os seus desdobramentos no campo estético, que vão incluir simultaneamente, dentro da sua prática de escritor, uma série de perguntas e respostas formuladas de maneira a produzir, cheias de terceiras intenções, uma plataforma de discussão acerca da situação da literatura brasileira que, como já se sabia, estava carente de atualização. “O questionamento no início do século, anos vinte, parte de vieses alternativos, inova com um movimento literário que se *perguntava* sobre

questões como nacionalidade, brasilidade, cópia, o outro - o europeu, o arcaico, a criação cultural para fora, ou o inverso - para pensar a realidade concreta encurralada entre modernização e estagnação”¹⁶

Eis aí, nesta conclusão de Tânia Cristina Verona, que resume o cerne dos questionamentos em pauta na cabeça do nosso Oswald poeta e - mais que isso, cidadão - a senha do caminho que se tentou seguir aqui para delimitarmos preliminarmente a importância da viagem na definição da plataforma da revolução estética que o poeta paulista encabeçou como líder maior de sua vanguarda. Ou seja: como resolver a tensão moderno/arcaico/estagnado em termos brasileiros sem nos deslocarmos - mesmo fisicamente - para os lugares onde a questão se apresentava com suas respostas já maturadas e a depender apenas, para o nosso caso, da instauração necessária da relação de uma alteridade que nos colocasse frente a frente, em termos históricos e culturais, nós - os americanos do novo mundo - e o outro - os europeus colonizadores do mundo velho.

Não foi nada além disso que as viagens Oswaldianas à velha Europa propiciaram: a oportunidade concreta do Brasil fazer instaurar - através dele - essa relação, como já dissemos, absolutamente necessária para que da correta observação da sua dialética se pudesse por em marcha o movimento de atualização da arte literária brasileira.

O resultado prático disso tudo, todos nós já sabemos. E o sabemos tanto em termos mais gerais - através da criação da chamada estética modernista na nossa literatura - quanto em termos mais particulares - a obra do próprio poeta - destacando-se a figura peculiar do escritor e intelectual Oswald de Andrade preponderante nos dois casos. No primeiro, por ter ele “intuído pragmaticamente uma noção de modernidade que facilita a especificação da matéria brasileira, sem ferir todavia o amor-próprio daqueles que se queriam na dianteira do moderno, articulando patuscamente estética avançada e diferença nacional”¹⁷ e, no segundo caso, por ele ter transformado, na sua própria prática estética, através do livro fundante do nosso modernismo, *Memórias sentimentais de João Miramar*, as suas inquietações de intelectual em matéria estética de suma importância. “Importância como atualização de nossa ficção em sintonia com as experiências da vanguarda européia, mas também como adequação pessoal e reelaboração dessas técnicas importadas sob critérios próprios, para a devida aferição de um contexto social de transição, uma realidade urbana

em processo inicial de industrialização, mas ainda pesadamente vinculada, no plano cultural, aos cânones do passado.(...)”

Na bagagem de Oswald de Andrade esses cânones do passado viajaram de vez.

NOTAS

¹ Santiago, Silviano. *Por que e para que viaja o europeu*. IN. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

² Eco, Umberto. *Viagem à irre realidade cotidiana*. IN. Santiago, Silviano. *Por que e para que viaja o europeu*. IN. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

³ Termo apropriado aqui na mesma acepção utilizada por Oswald de Andrade no seu livro *Do Pau-Brasil à Antropologia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 141.

⁴ Santiago, Silviano. *Por que e para que viaja o europeu*. IN. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984. p. 203.

⁵ Manifesto da Poesia Pau-brasil. IN. Teles, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 330.

⁶ Assume-se neste texto a posição defendida por Silviano Santiago no artigo citado na nota 4. p. 201, para quem “a condição de viajante (de viajante sabichão, já que sabe mais dos que os nativos) é indispensável ao europeu que quer impor um significado ao seu Outro no próprio campo do Outro”. Isso a propósito da visão de Umberto Eco sobre a cultura hiperrealista norte-americana.

⁷ Idem nota 5.

⁸ Dantas, Vinicius. *Oswald de Andrade e a poesia*. IN. *Novos Estudos Cebrap*, nº 30, julho de 1991. p. 193.

⁹ Candido, Antonio. *Oswald viajante*. IN. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1970. p. 54.

¹⁰ Trecho do poema-fragmento nº 37 de *Memórias sentimentais de João Miramar*. Ver Andrade, Oswald. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 56.

¹¹ Conceito utilizado pelo próprio Oswald de Andrade numa crônica enviada de Paris, conforme notícia Vinicius Dantas. Ver Dantas, Vinicius. *Oswald de Andrade e a poesia*. IN. *Novos Estudos Cebrap*, nº 30, julho de 1991. p. 193.

¹² Observe-se que a referida estadia de Oswald de Andrade na Europa iniciara-se ainda no ano de 1922, precisamente em dezembro deste ano. Ver, a propósito, a cronologia elaborada por Maria Alice Rebello aposta à obra citada na nota 10.

¹³ Ver artigo citado na nota 11. p. 193.

¹⁴ Manifesto Antropofágico. IN. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas. Rio de Janeiro: Vozes, 1997 p. 359.

¹⁵ Dantas, Vinicius. Artigo citado na nota 11, p. 196.

¹⁶ Verona, Tânia Cristina. *O mundo europeu em Oswald de Andrade*. IN. *Cultura brasileira: figuras da alteridade*. (org. Eliana Maria de Melo Souza). São Paulo: Editora Hucitec/Fapesp, 1996. p. 47.

¹⁷ Dantas, Vinicius. Artigo citado na nota 11. p. 195.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, Oswald. *Do Pau-Brasil à Antropologia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Memórias sentimentais de João Miramar. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Oswald viajante*. IN. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1970.

DANTAS, Vinicius. *Oswald de Andrade e a poesia*. IN. *Novos Estudos Cebrap*, nº 30, julho de 1991.

SANTIAGO, Silviano. *Por que e para que viaja o europeu*. IN. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas, Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

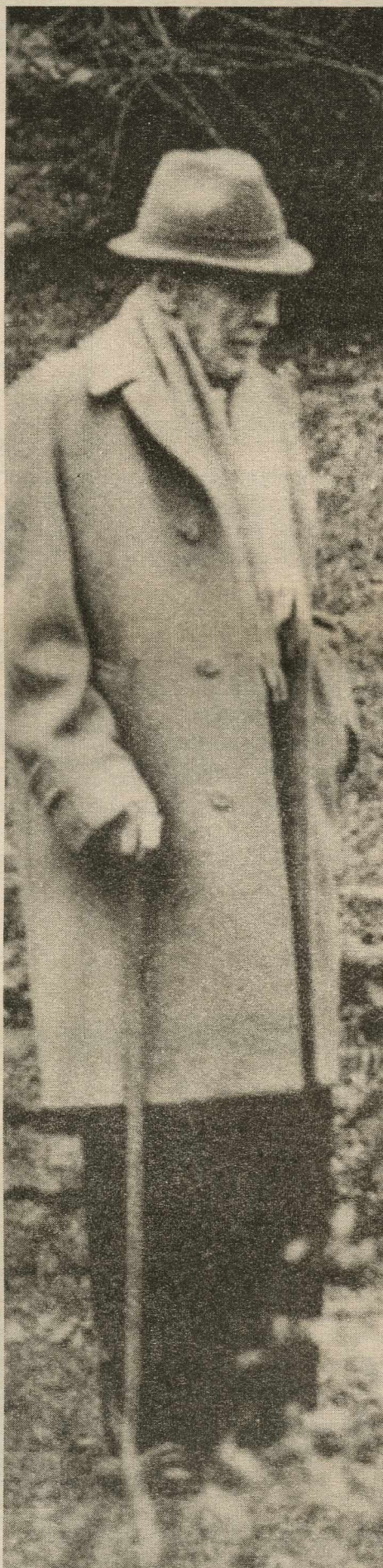
VERONA, Tânia Cristina. *O mundo europeu em Oswald de Andrade*. IN. *Cultura brasileira: figuras da alteridade*. (org. Eliana Maria de Melo Souza). São paulo: Editora Hucitec/Fapesp, 1996.

Edônio Alves Nascimento é Professor do Departamento de Comunicação Social da UFPB e mesclando em Literatura Comparada pela UFRN.

Tudo é belo

(Para José Godoy Garcia, em reverência aos seus 50 anos de aventura poética)

Brasigóis Felício



Para Ezra Pound, um país que escuta a voz de seus poetas é diferente daquele que os despreza

Tudo o que existe é belo e magnífico, só pelo milagre de existir. Por isto o gesto de horror, do poeta, ao ver que acabou de esmagar um inseto, sem perceber: “Também como as pessoas, eles só querem viver”. “Tudo é belo, mulher/ e por exemplo a água que a gente bebe/ ou uma água que a gente joga na cara/ e fica deixando a frieza vir penetrando na pele; a água que escorre da bica de um monjolo e o monjolo toca:/ a água de um poço na mata/ A água que a gente bebe é por exemplo como um beijo, mulher/ ou a estrada quando o trem de ferro/ atravessa um rio/ um rio que banha terras verdes, longe/ tudo é belo/. (...) O caminho do nascimento / a morte de um homem/”. Ao transcrever este belíssimo poema de José Godoy Garcia, quando seus admiradores, leitores e amigos comemoram seus 50 anos de poesia, quero nesta crônica manifestar a minha reverência à vida e à obra desde grande poeta brasileiro, nascido em Jataí. O consagrado autor de “A moça de Goiatuba”, poema genial, que ele escreveu sobre o lombo de um cavalo, por uma dessas estradas do mundo, foi e será sempre um apaixonado pela criação.

Sabe muito do quanto a vida costuma ser trágica ou risível, em seus instantes atroz ou ridículos, quem escreveu isto. Caiu a casa/ o homem ficou sem ela/ caiu o dente/ o homem ficou sem ele/ Caiu a vergonha: foi pedir dinheiro emprestado/ para a filha, no bordelf”. Só os verdadeiros, os autênticos artistas sabem que o ato de criar esgota-se em si mesmo, e resulta em ato falho, se não for movido por uma inexorável e avassaladora paixão. Se na obra de um artista ocorrerem, de forma recorrente, certas obsessões, é porque eles têm a coragem de serem fiéis às suas obsessões, o que lhes confere a marca e a grandeza de grandes artistas. E tanto mais autênticos serão, quanto mais permanecerem fiéis às suas obsessões.

“Quem é o poeta? Um homem que fala aos homens”, segundo Camile Paglia. A magia de escrever exige a coragem do Ser. E quando ouvirem as palavras de um poeta, “por favor, entenda, que palavra por palavra, eis ali uma pessoa se entregando”. O poeta é aquele que escolhe suas pai-

xões, pois escolher seus abismos, e não ser colhido por eles, é a essência da virtude, segundo os gregos antigos. Os poetas escrevem porque não podem mais voltar a ser crianças, e sair pelos dias de vento, a brincar de pique-esconde, ou a empinar papagaios com os meninos de seu bairro. Segundo Ezra Pound - o louco-lúcido -, um país que escuta a voz de poetas é diferente daquele que os despreza. Os primeiros sobrevivem! Os segundos entram em decadência, até desaparecer completamente. Foi ele, ainda, quem disse à sua musa: “Não é, Raana, que eu canto mais alto do que os outros. É que eu bebo Luz, enquanto os homens menores bebem vinho”. Suicidados por dentro, no obscuro esplendor dos dias somos apenas cadáveres adiados que procriam.

Pelos deuses destinados a falar do que existe - e só por isto é belo, e digno de reverência -, os poetas enxergam o espírito das florestas, e respiram na canção das árvores. Os poetas são antenas da raça; são espelhos da sociedade, e são dotados do dom da solidão. Amam o amor pelo amor do amor, somente. Sabem que é preciso “fechar, por amor, a mão aberta, e conservar o pudor ao dar”. O poeta é aquele que fala de seu tempo aos homens de seu tempo. É alguém que vê a cabeleira de anjos, ao ver crianças brincando entre as árvores. E tem ímpetos de devolver a Deus o bilhete de ingresso na vida, toda vez que vê morrer uma criança. O poeta é alguém que não se intimida diante do perigo abissal, que é descer ao inferno de si mesmo, que o deslumbra, ao mesmo tempo que enche-o de pavor. Pois ele sabe que é ali, nos sítios escuros dos mais tenebrosos escaninhos do Ser, é ali que encontrará o seu primordial - seu primeiro rosto, dentre todos, e a origem da alma. Ao poeta pouco importa o mundo dos mortos, ou as lágrimas passageiras dos que morreram de parto. O poeta tem parte com a lava vulcânica das horas, e só quer arrebeitar as grades do cárcere dos dias. O coração do poeta não abre suas portas somente nas horas mortas. Ele não quer saber do mundo futuro, ou de ignotos passados. “A vida, o tempo presente, é a matéria de seu canto. A vida, apenas, sem mistificação”.

Brasigóis Felício é poeta, cronista e jornalista goiano. Escreveu, entre outros, *Viver é devagar*.

Labim/UFRN

Nossa Senhora da Apresentação

Luís da Câmara Cascudo

Há cento e oitenta e seis anos, Nossa Senhora da Apresentação procurou sua freguesia, numa quarta-feira, 21 de novembro de 1753.

Era nosso Capitão-mor, Pedro de Albuquerque Melo. Governava a todos, de Luiz Pedro Peregrino de Carvalho e Menezes de Ataíde, décimo Conde de Atouguia e sexto vice-rei do Brasil.

Natal podia ter cinquenta casas de taipa, cercadas de mato. A Ribeira era um pântano onde dormiam as sombras cinzentas dos coqueirais. Árvores de vulto cobriam as ruas que hoje correm para o sul e leste. Não estavam construídas as Igrejas de Santo Antônio nem a do Senhor Bom Jesus das Dores. Alecrim, Tirol, Petrópolis, estavam cobertos de matas, de litoral, capoeiras ralas, com frutas silvestres, povoadas de cotias, pacas e veados. A Casa do Governo era na Rua Grande (praça André de Albuquerque). Reinava em Portugal El-Rei Dom José. O nosso vigário era o Padre doutor Manuel Correia Gomes, que faleceria sete anos depois, a 4 de agosto de 1760.

Toda a cidade se apertava entre a avenida Junqueira Aires e proximidades do Baldo. Talvez não tivéssemos trezentos moradores.

Nessa época, numa manhã, foi visto, encalhado numa pedra que as marés respeitam, um caixão. Trazido para a praia, aberto numa curiosidade de terra menina, encontram a imagem duma Nossa Senhora. Pequena, simples, o manto cobrindo-lhe a cabeça na convenção ritual para a cercadura da coroa simbólica, a Santa sustinha o Deus Menino

na curva do braço esquerdo e estendia a destra, dedos unidos e vazios, num gesto de suspender o rosário ou de abençoar, timidamente.

A pedra ficou chamada Pedra do Rosário. Fora o primeiro porto que a Mãe de Deus parara em sua jornada material pelo Atlântico. Na linha da Igreja do Rosário, a Pedra era visitada, mostrada como um vestígio da milagrosa aparição. Hoje reduzida, deformada, serve apenas de suporte a um cano que conduz óleo para os aviões da Air France. A penha onde dom Fuas Roupinho foi salvo, é, em Portugal, local de romaria. Em Natal, a Pedra do Rosário, quase identificável em sua humilhação, é um mero suporte a um conduto de essência.

Padre, povo, numa aclamação que outrora era lógica, inesperada e irresistível, levaram a imagem à Matriz. Lavraram uma ata, narrando o sucesso, com assinaturas autênticas. Ainda esse documento foi visto por João Nepomuceno Seabra de Melo e Alfredo Antonino Pereira do Lado. Depois desapareceu.

Natal já era freguesia de Nossa Senhora da Apresentação quando o vulto apartou numa manhã de verão tropical. já em 1656 sabemos, sem discussão, que a Padroeira possuía idêntica evocação religiosa.

Devia, pois, existir um outro vulto da Padroeira. A vinda, por mar e vento, a origem misteriosa, conduzida ao sabor do acaso, num rumo que a Fé se inclina a dizer providencial, haloaram a Imagem na moldura radiosa de uma tradição popular.

É urna mostra legítima de escultura portuguesa. Visíveis os traços imutáveis dos velhos santeiros

de Braga, no modelado do pescoço, no nariz afilado, à grega, obedecendo a padrão de beleza, nas faces, na boca, nos olhos pequenos e negros impostos proximamente, dando uma impressão vaga e natural de infantilidade e de asiaticismo. A cabecinha do Menino-Jesus ainda mais viva demonstra a ancianidade lusitana do trabalho. No rebordo do caixão, estreita tira afirmava, em letras que a memória coletiva não esqueceu. "No ponto onde der este caixão, não haverá perigo".

Do alto do seu altar, a Santa do Rosário, apresentada a 21 de novembro, vê passar os anos e as vidas confiadas à sua misericórdia. Guerras, campanhas, sofrimentos, loucuras, ódios, voam como turbilhões de poeira, sem rastro, para a eternidade. Cada ano, no aniversário, acende-se o Céu escuro de novembro com as alegrias luminosas dos fogos, queimados em sua honra. Uma multidão se adensa, numa oferenda que os tempos mudam de forma mas conservam a intenção pura. Pequeninha e serena, vinda do Mar numa hora de Sol, a Padroeira olha a Cidade que ela própria escolheu para residência perpétua, há cento e oitenta e seis anos. E a Cidade se alarga e multiplica, descendo e subindo os morros, abraçando os taboleiros nos vinte braços do casario ininterrupto. E o olhar da Padroeira maior se torna, acompanhando a vida social do rebanho que Ela apascenta, para entregar, depois, alma por alma, às mãos divinas do Filho.

(21-11-1939)

(Extraído de *O Livro das Velhas Figuras*, vol. 6 – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Natal, 1989)



"Do alto do seu altar, a Santa do Rosário, apresentada a 21 de novembro, vê passar os anos e as vidas confiadas à sua misericórdia"

Idelette Muzart Fonseca dos Santos



«O Movimento Armorial morreu, viva o Armorial!». Tal afirmação contrasta para quem conhece a escritora e pesquisadora francesa Idellete Muzart, uma das maiores conhecedoras da obra de Ariano Suassuna e do Movimento Armorial. Aliás a combinação desses dois saberes encontra-se no seu mais recente livro, *Em demanda da poética popular - Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*, que acaba de ser lançado no Brasil pela editora da Unicamp. Em entrevista ao jornalista Nelson Patriota, editor de O GALO, Idelette Muzart explica porque o Movimento «morreu» e deu origem a um sólido processo de renovação cultural que tem como centro de atuação a rica tradição nordestina da cantoria e do folheto de cordel. Sua admiração pela obra de Ariano Suassuna faz que ela cogite de seu nome para um futuro prêmio Nobel de Literatura, e critique o que considera «descaso» do Brasil por sua obra. Quanto a Câmara Cascudo, ela recomenda que se continue sua obra a partir das pistas deixadas pelo próprio etnólogo potiguar.

O GALO - - *Ha quanto tempo existe a cadeira de Cultura e Literatura Brasileira na Universidade de Nanterre, em Paris, onde a senhora leciona?*

IDELETTE MUZART - Em primeiro lugar, não se trata de uma cadeira, mas de uma cátedra, uma vez que tem todo um curso de literatura e língua e civilização brasileira e portuguesa. Sou brasilianista, como dizem, e portanto a titular, assim o curso passou a se denominar *Cultura e Literatura Brasileira*. O curso de Nanterre já existe, simbolicamente, desde 1968, praticamente desde o início da universidade. Mas era um curso só para os dois primeiros anos, porque na França os cursos se fragmentam: tem um diploma depois de

dois anos e um outro para quem quiser ter a licenciatura plena. Curiosamente, tivemos antes o curso de Línguas Aplicadas, que é um dos dois cursos de línguas que funcionava plenamente. Só a partir deste ano é que tivemos o curso completo de Literatura. Isto corresponde a uma certa realidade da demanda dos professores, haja vista que há pouquíssimos professores de português na França.

O GALO - - *Mas o fato de José Saramago, um escritor português, ter ganhado no ano passado o Nobel de Literatura não alterou essa realidade?*

I. M. - Não vamos sonhar com a repercussão do Saramago. O Nobel conferido a ele teve uma repercussão muito importante, não há dúvida. Mas

acho que é mais no nível simbólico. Na França, a maioria dos nossos alunos são filhos de imigrantes portugueses. E os franceses que estudam português são aqueles que geralmente se apaixonaram pelo Brasil. Para os filhos de portugueses o curso é uma espécie de busca das raízes, assim como de uma profissão. E há muitos franceses apaixonados pelo Brasil, mais ou tanto quanto tem brasileiros apaixonados pela França. Sem nenhum critério de rentabilidade. Há um interesse muito grande pelo Brasil na França, não propriamente pela literatura, mas, por exemplo, por música, teatro.

O GALO - O Brasil então continua a ser para os franceses a terra do samba e do futebol?

I. M. - De certo modo, sim. Só em Paris, tem umas cinco ou seis pequenos bares que apresentam música brasileira ao vivo em geral durante toda a semana tocando os mais diversos gêneros musicais brasileiros. Há uma presença da música brasileira e um gosto pela música brasileira muito grande. Existe uma revista mensal que traz quatro, cinco páginas só sobre novidades, lançamentos de músicas brasileiras. Acredito que estamos tão bem informados na França sobre lançamentos de música brasileira como os próprios brasileiros.

O GALO - Como brasilianista, A Sra. tem estudado mais a cultura nordestina ou a cultura brasileira em geral?

I. M. - Estudei mais a cultura brasileira quando estava no Brasil. Porque ela estava na minha porta. Eu era professora na Universidade Federal da Paraíba e quando dava uma disciplina como Literatura Oral, mandava os alunos pesquisarem com a família, com os vizinhos. Na França, o meu trabalho está um pouco mais generalista. Trabalho muito com a oralidade, a voz, tanto nos seus aspectos de tradição, a partir do trabalho recolhido e do trabalho feito no Brasil, quanto da sua transformação no cordel, que é uma literatura da voz que passa para a escritura, incluindo de maneira mais ampla e sistemática as relações entre história e literatura. Me interessam muito esses aspectos, daí meu interesse por Ariano Suassuna. Tem uma presença histórica muito forte n'A Pedra do Reino. Tenho trabalhado também com *Viva o Povo Brasileiro*, do João Ubaldo Ribeiro, e outros escritores que têm essa preocupação de escrever um pouco a história do Brasil na sua obra, mas também de escrever a sua obra numa perspectiva de conquista, de participação, de fazer uma reflexão sobre a identidade brasileira.

O GALO - A Sra. traduziu A Pedra do Reino para o francês. Como aconteceu isso?



"Ariano é um grande escritor, e é absolutamente subestimado no Brasil"

I. M. - Eu comecei a procurar editor na França para *A Pedra do Reino* nos anos 70, isto é, poucos anos depois da sua publicação e da minha própria descoberta do romance.

O GALO - Como a Sra. o descobriu?

I. M. - Eu ainda não havia pisado no Brasil. Foi um amigo paraibano que me deu de presente. Dizendo: "Bom, se você quer entender o Brasil, leia isto".

O GALO - A Sra. já conhecia a língua portuguesa?

I. M. - Sim. Eu faço parte desses curiosos pelo Brasil de que já falei.

O GALO - A Sra. tem raízes brasileiras?

I. M. - Não. Casei com um brasileiro e tenho dois filhos brasileiros.

O GALO - Mas isto foi depois, não?

I. M. - Sim, claro. Mas voltando ao que falávamos, a literatura brasileira na França é difícil de ser traduzida e publicada. Até o próprio Jorge Amado, que já tem obras publicadas e traduzidas há muitos anos, era submetido à chamada "redução". Por exemplo, a editora Stock

publicou o *Teresa Batista* amputado de duas partes, a primeira e a última. Li essa edição e não gostei nada. E perguntei ao Ariano o que ele achava de ter sua obra reduzida por um editor francês. Ariano não gostou, e me disse: se alguém tem de mexer, eu vou mexer". E fez uma primeira versão da *A Pedra do Reino*. Essa primeira versão que ele fez foi realmente uma tentativa de redução do romance e não deu certo. Ele me deu essa primeira parte que eu traduzi e publiquei. Coloquei em anexo da minha tese no que chamei "Antologia armorial". Mas não lhe agradou. Posteriormente, ele pensou melhor e dentro de uma série de modificações e reflexões sobre a obra dele, transformou a matéria narrativa daquilo que já havia sido publicado, que é *A Pedra do Reino*, em 1971, e a continuação d'A *Pedra do Reino*, que é *O Rei Degolado nas Caatigas do Sertão*, de 1977, e a continuação da obra que estava escrevendo. Portanto, uma parte dessa matéria virou *A Pedra do Reino, Versão para Europeus e Brasileiros Sensatos*; uma segunda parte, será um outro livro que ele reor-

ganizou dentro de uma perspectiva global de uma trilogia que ele tinha em vista desde o início. Agora, eu acredito - isto aqui é palpite meu, - que ele não publicou logo no Brasil porque ele deseja terminar essa reorganização dos seus romances. *A Pedra do Reino* está atualmente só nos sebos, e fora das livrarias. A José Olímpio esgotou totalmente sua edição e eu sempre protesto junto a Ariano, "você não pode deixar essa obra assim", e ele sempre desconversa. Acredito que haja uma preocupação dele com isso.

O GALO - A Sra. pretende traduzir outras obras de Ariano?

I. M. - Eu pedi autorização a Ariano para traduzir *A Farsa da Boa Preguiça*, que é uma peça que tem menos sucesso do que *O Auto da Compadecida*, por exemplo, mas que eu considero como a melhor peça de Ariano. A mais elaborada do ponto de vista da reflexão teológica, teatral, filosófica, poderia dizer. Talvez por isso não teve um grande sucesso porque não era simplesmente cômica.

O GALO - E ele autorizou?

I. M. - Teve a mesma reação: desconversou. Ele me disse que vai reelaborar a peça. A propósito disso, em março do ano passado ele publicou uma carta no "Diário de Pernambuco" pedindo para que o deixem de procurar para dar aulas-espetáculo porque ele deseja escrever a obra dele. Ele diz na carta o que falou uma vez a uma pessoa que o foi procurar para dar uma aula-espetáculo: "Eu tenho 72 anos e tenho que pensar no que estou fazendo". O amigo replicou que ele ainda ia viver muitos anos. Então ele respondeu: "Não tenho nenhuma garantia do além, então vou me precavendo".

O GALO - Que idéia a Sra. faz de Ariano Suassuna como escritor?

I. M. - Considero Ariano um dos maiores escritores brasileiros e não me surpreenderia nada se ele ganhasse o Prêmio Nobel. Espero que não tenhamos de esperar mais 48 anos para ver um outro autor de língua portuguesa ganhando o Nobel de Literatura. É um grande escritor, e é absolutamente subestimado no Brasil, porque o aspecto polêmico de Ariano Suassuna orienta para uma leitura diferente de sua obra.

O GALO - A Sra. está traduzindo algum outro autor nordestino?

I. M. - Estou traduzindo outras coisas, não sozinha, mas dentro de um ateliê de tradução com os meus alunos de línguas aplicadas. Começamos traduzindo um pouco para ver como ia funcionar, porque essas iniciativas de ateliê são sempre um pouco delicadas. Os estudantes precisam querer. Propus traduzir contos tradicionais, que o próprio contador chamava de "histórias fabulosas", e tradu-

zimos e publicamos este ano histórias fabulosas de um contador brasileiro, Manuel Domingos, de Mogeiro, Paraíba. O livro saiu com o título de *Les Histoires Fabuleuses d'un Conteur Brésilien recueillies et présentées par Maria Claurênia Abreu Silveira. Traduit sous la coordination de Idelette Muzart Fonseca dos Santos, par les étudiants du cours de maîtrise en Langues Etrangères Appliquées de l'Université de Paris X - Nanterre. Paris, L'Harmattan, 1999.* É interessante observar que antes, na França, só havia dois livros de contos tradicionais traduzidos em francês, os *Contos Tradicionais do Brasil*, de Câmara Cascudo, e os *Contos Negros*, de Mestre Didi, da Bahia. Acredito que há necessidade de se traduzir muito material de coleta ou de reflexão sobre literatura oral e cultura tradicional. Há um perigo na imagem que se tem do Brasil na França e que se insiste muito recentemente em desenvolver, que é a idéia de mestiçagem cultural. Tem um primeiro aspecto negativo, que é o de apagar o negro na mestiçagem, considerar que é outra cultura, mas também apagar o que há de raízes européias, não somente portuguesas, evidentemente ibéricas, mas também de outros países. Saiu recentemente na França um livro muito interessante, que não é sobre o Brasil, mas sobre a América Latina, a partir de um conhecimento profundo da cultura mexicana, chamado *La pensée métisse*, de Serge Kusinky, que é um livro muito interessante sobre o conceito de mestiçagem. Ao mesmo tempo, eu vejo em todos os congressos, colóquios, reflexões em torno do Brasil sempre se fala de mestiçagem falando do Brasil como sendo a chave de tudo. Eu acho que é um pouco enganosa essa visão e simplificadora.

O GALO - Isso tem algo a ver com o luso-tropicalismo de Gilberto Freire?

I. M. - Não, acho que não, o luso-tropicalismo está bem ultrapassado e é analisado com muita propriedade por um jovem historiador francês, Yves Leonard, que trabalhou por exemplo sobre o fascismo de Salazar e mostrou como Salazar instrumentalizou Gilberto Freire, chamando-o a Portugal e pagando-lhe uma grande viagem por todas as colônias portuguesas. Ele usou o luso-tropicalismo em seu benefício. Tem a ver com uma certa imagem que a Europa precisa estabelecer como modelo. Um exemplo característico: no ano passado, antes da final da Copa do Mundo, um jornal alemão disse que esse encontro seria o jogo de duas nações mestiças.

O GALO - A França, hoje, é uma nação mestiça, não?

I. M. - Exato! É por isso que os



"Há um perigo na imagem que se tem do Brasil na França e que se insiste muito: a idéia de mestiçagem cultural"

franceses se interessam tanto por essa mestiçagem. De uma certa maneira, eles vão procurar no Brasil um entendimento para a sua própria cultura.

O GALO - Poderíamos dizer então que o Brasil seria a França amanhã...

I. M. - É um pouco abrupto, mas talvez seja isso. Ou pelo menos é o que muitos franceses pensam. Apesar das reticências da extrema-direita, que estabelece o seu fundo de comércio sobre o medo do outro, está funcionando muito melhor do que parece. Não é uma mestiçagem de peles. Isto se faz ou se deixa de fazer. A maneira como o rap foi nacionalizado na França foi de uma maneira espetacular. Tem o raï, nova música francesa, que é a música árabe afrancesada, uma mistura de ritmos da África do Norte com elementos do jazz e de certas melodias francesas. Tem vários nomes nessa linha. O raï é tradicionalmente uma mistura de músicas moçárabes e de cultura judaica.

O GALO - O etnocentrismo continua uma barreira muito forte para

a divulgação da literatura brasileira na França ou já há sinais em contrário?

I. M. - Não acredito que haja um etnocentrismo que não queira se interessar pelos imaginários alheios. Acho que a barreira vem de muitos elementos, primeiro uma certa crise. Os editores falam de uma crise do livro na França. Os livros estão vendendo menos. Lembro que quando foi lançado, o livro de Ariano teve críticas excelentes no Le Monde, Libération, vários jornais fizeram resenhas entusiasmadoras e entusiasmantes. Mesmo assim, as vendas foram relativamente pequenas.

O GALO - Qual a tiragem média dos livros na França?

Confesso que não sei responder a isso. Estou mais a par das edições ensaísticas, porque além de professora, sou editora da *Coleção Amérique Latine, Série Brésil*, da Harmattan. A tiragem média dos livros é de 500 exemplares, 700, às vezes, como foi para o livro dos contos de Manuel Domingos. E raramente precisamos fazer nova tiragem.

O GALO - No ano passado, o Sa-

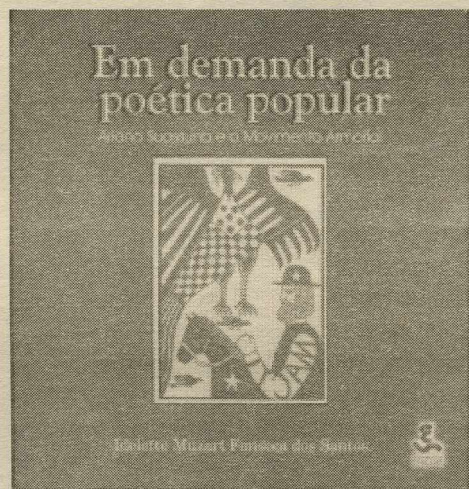
lão do Livro, que acontece anualmente em Paris, destacou a literatura brasileira. O que resultou de positivo para a literatura brasileira na França e, em decorrência, na Europa?

I. M. - Curiosamente, a repercussão maior do Salão do Livro de Paris foi antes. A tradução d'*A Pedra do Reino* foi antes do Salão. Durante o período de outubro de 97 a abril de 98 saiu uma verdadeira enxurrada de livros sobre o Brasil, na perspectiva do Salão. Depois, as pessoas diziam: "Não quero ouvir mais falar do Brasil, já saíram livros demais sobre ele".

O GALO - O que significa para um francês o seu interesse pela literatura de cordel?

I. M. - Significa algo exótico. Para um francês, é exotismo puro. Inclusive para os brasileiros e até para os nordestinos, está começando a ser. Se você perguntar onde pode comprar folhetos de cordel em Natal, não sei se alguém poderia me responder com rapidez. O meu interesse pelo cordel é enquanto elemento importante da cultura brasileira, e não somente nordestina. Acho muito interessante

tar como a literatura de cordel e a cantoria se espalharam pelo Brasil. Eles representam uma espécie da prova da migração, da diáspora nordestina. Darcy Ribeiro mostra em *O Povo Brasileiro* que aquilo que ele chama de matriz étnico-cultural brasileira está formada no final do século XVIII no Nordeste e essa matriz é suficientemente forte desde essa época para ter garantida uma certa identidade comum brasileira, apesar das múltiplas migrações posteriores nos séculos XIX e XX, e apesar de toda essa história de desenvolvimento desigual segundo as regiões. Acho interessante porque o cordel e a cantoria - o oral e a escrita - traduzem a presença dessa diáspora nordestina. Temos, por exemplo, o período em que os nordestinos, sobretudo os cearenses, vão para a Amazonas atraídos pelo ciclo da borracha e surge uma editora em Belém do Pará, a Guajarina, que é um dos momentos mais interessantes da literatura de cordel no Brasil. Evidentemente, os pernambucanos "berram" porque seus folhetos estão sendo publicados lá sem pagar seus direitos, mas isso permitiu que surgissem novos poetas lá, seja da migração nordestina ou não. A mesma coisa em Brasília, nos anos 60. Aparecem novos poetas e editoras, alguns deles, como o Paulo Batista, vindos diretamente da matriz pernambucana, paraibana e norte-rio-grandense, que é aí que está a matriz, mas criando no próprio lugar suas próprias criações, e permitindo que novos artistas se revelem. Justamente no Salão do Livro, que você evocou há pouco, eu tinha convidado dois cantadores de um sucesso incrível - Oliveira de Panelas, que é um dos melhores cantadores da atualidade, e o outro seria Otacílio Batista, mas infelizmente Otácio está muito velho, e com problemas de saúde. Então, ele veio com um jovem cantador, Lorinaldo Vitorino, um jovem cantador pernambuco. E o que ele me falou da cantoria hoje em São Paulo, de festivais de cantoria em que aparecem para seleção 40, 50 cantadores jovens, que cantam com os veteranos temas paulistas, temas dos bairros, problemas atuais dos paulistas. Ele fez uma comparação muito interessante, dizendo que em certos lugares de São Paulo, a cantoria é como o nosso rap, está ganhando uma dimensão urbana. Por isso, tenho sempre um pouco de receio quando as pessoas falam: "Ah!, mas isso é coisa nordestina!" Alguns anos atrás, fui dar um curso sobre oralidade e culturas orais em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, e quando comecei a dar exemplo, alguns alunos me disseram, com um sorriso de superioridade: "Mas professora, isso é Nordeste, aqui não é Nordeste não, não tem essas coi-



Novo livro de Idelette discute questões fundamentais do Movimento Armorial

sas". Ai comecei a avançar, a dar exemplo, citando trechos de músicas, e perguntava: "Vocês não conhecem isso, conhecem aquilo?". E um dizia: "Ah!, minha avó cantava isso; minha mãe sabia aquilo". Todos eles tinham uma avó, uma mãe, uma vizinha que sabia desses cantos. Quer dizer, há talvez não uma desvalorização, mas um esquecimento desses muitos elementos orais, em grande parte devido à cultura de massa, a escola não valorizarem muitos desses elementos.

O GALO - Como a Sra. vê o trabalho de Cascudo na área da literatura oral?

I. M. - Cascudo foi um pesquisador importante. Mas é preciso se trabalhar com a obra dele, continuar a obra dele, e não apenas ler Cascudo, o que, aliás, também não se faz com a frequência que se deveria fazer. Podemos encontrar em Cascudo pistas que ele levantou, milhares de pistas, não para guardar no armário, mas para continuar. Ele era um homem da escrita, da correspondência. Era um pesquisador compulsivo. Deve ter acumulado milhares de notas que não concluiu. Isso se deve procurar para continuar, pois deve haver pistas para novas pesquisas, com certeza interessantes. O que falta muitas vezes em Cascudo é a voz do povo; o que se escuta é a voz de Cascudo. Ele reconta tudo à maneira dele. Os contos populares dele são como os contos de Grimm, de Perrault, são pessoas da boa sociedade que contam os que as pessoas outrora contavam. É uma tradição, é verdade, mas hoje o critério é dar um peso maior à expressão popular. Talvez na época dele isso fosse inconcebível.

O GALO - A Sra. coordenou a publicação do Dicionário Literário da Paraíba. Qual a importância desse trabalho? É importante que outros Estados sigam esse exemplo?

I. M. - Sim, porque é praticamente impossível, em termos de Brasil, ter uma idéia dos escritores, das pessoas que tiveram uma influência cultural porque a maioria das pessoas são conhecidas. Só as que publicaram nas

grandes editoras no Rio e São Paulo são conhecidas. Especialmente no século XIX temos muita coisa a descobrir de pessoas eu não diria inéditas, mas que publicaram, por exemplo, em suplementos literários de jornais. Há necessidade de se levantar a nível de Estados esses nomes, mesmo não se tratando de falar do poeta municipal ou estadual, como disse Drummond, mas a nível de registro. Quanto ao *Dicionário Literário da Paraíba*, apesar de extremamente mal composto e mal revisado, ele apresentou um levantamento muito importante, e adotamos o critério de que para merecer um verbete precisava ter um livro publicado, senão haveria um excesso de nomes.

O GALO - Como nasceu esse projeto?

I. M. - O desafio foi lançado a partir da *Enciclopédia da Literatura Brasileira*, do Afrânio Coutinho, no início dos anos 80. Quando li essa enciclopédia, notei que faltavam muitos autores que eu conhecia. Lembro que Afrânio Coutinho observara que aquele seu trabalho era apenas um começo; precisaria que cada Estado fizesse seus levantamentos para que pudéssemos ter a ousadia de dizer que estávamos fazendo o levantamento da literatura brasileira. Acho que ele tem razão, porque é inclusive uma questão de conhecer o Brasil. Ninguém vai duvidar que João Cabral de Melo Neto é infinitamente superior a quem publicou dois ou três poemas num suplemento literário. Não é uma questão de critério de valor, é também de mostrar a força de uma vida intelectual. Tem-se uma idéia totalmente falsa do que era a vida literária no início do século. Tem-se a impressão, muitas vezes reforçada por historiadores apressados, de que a civilização, a cultura começaram com as universidades. De jeito nenhum! Começou muito antes. Havia jornais, uma vida da imprensa no Rio Grande do Norte, na Paraíba. A densidade de imprensa que havia no século XIX é incomparável com o sistema atual centralizado, globalizado, e finalmente dominado por três ou quatro títulos.



Trabalhos de cantadores como Ivanildo Villa Nova são estudados, hoje, em Paris

O GALO - Voltando ao Movimento Armorial, o que o distingue no contexto cultural brasileira?

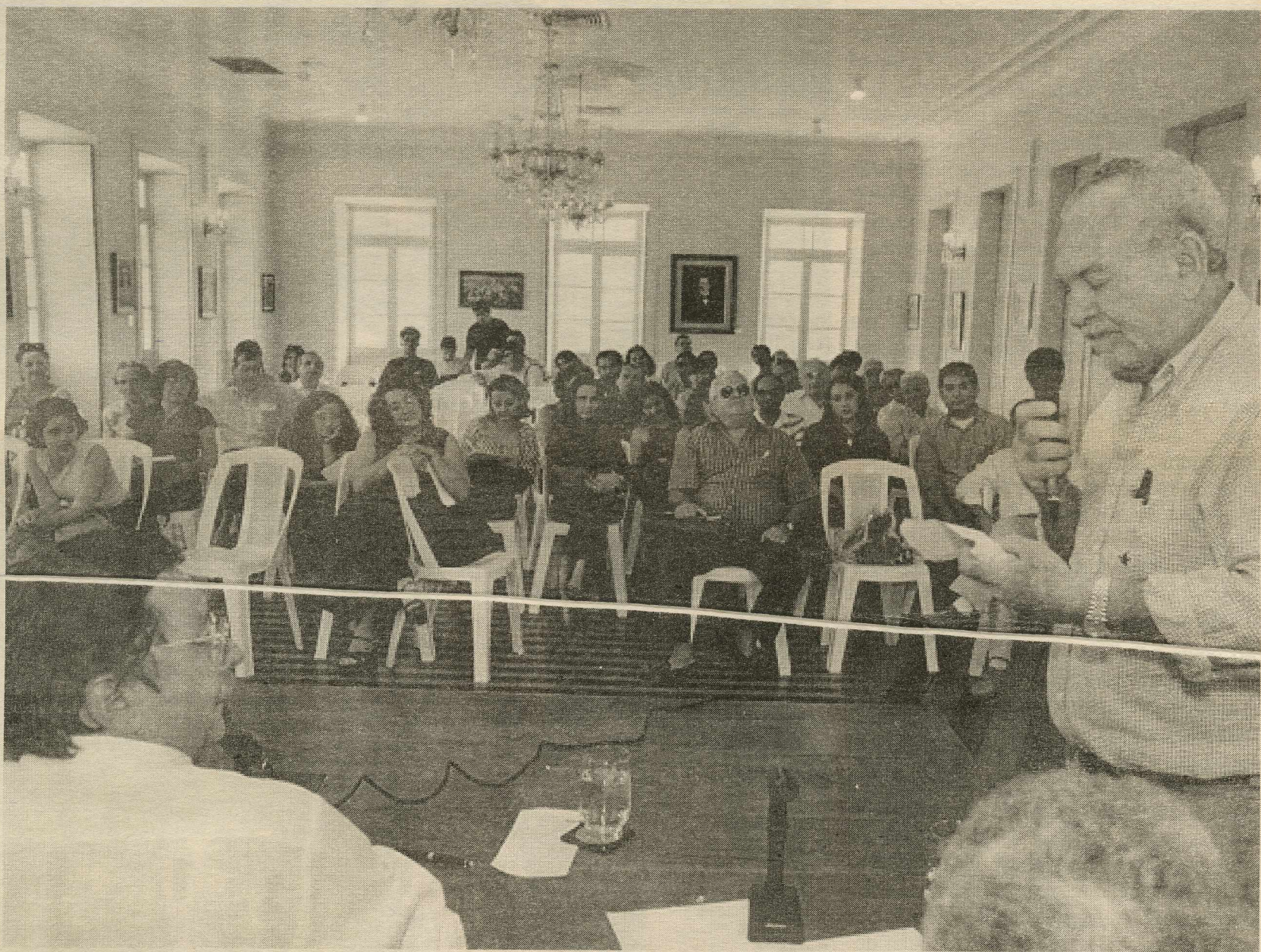
I. M. - Em primeiro lugar, a idéia de uma cultura em movimento que vem percorrendo o Nordeste por carências diversas: de fontes, de dinheiro, de homens e mulheres de qualidade. Assim, quando surge uma ou duas pessoas de grande qualidade, há um reagrupamento em torno delas. Em segundo lugar, esse homem, que é Ariano Suassuna, tem um compromisso com a educação e o apoio a jovens artistas. A obra de Ariano Suassuna é uma coisa, o papel de Ariano Suassuna no Movimento Armorial é outra. Ele não teria necessidade alguma do Movimento Armorial para a sua obra. Sempre ocupou cargos públicos para poder fazer esses núcleos de apoio aos jovens artistas. A terceira coisa é também um questionamento, de saber que tipo de cultura, de inovação, queremos fazer com os jovens poetas e escritores. Nesse ponto, é interessante observar que o Movimento Armorial permitiu que surjam novos escritores, novos artistas. No último capítulo do meu livro eu digo: "O Movimento morreu. Viva o Armorial!". Porque o movimento acabou nos anos 80, é um momento da história cultural e está escrito em Pernambuco, mas o Armorial sobreviveu como prática de articulação de diferentes formas de artes populares em espetáculos, obras literárias, obras plásticas, música etc. O trabalho de um Antônio Nóbrega, que está fazendo um sucesso enorme, reflete muito bem isso. O Movimento Armorial tem como bandeira o folheto de cordel: na capa tem a gravura, a música subjacente à cantoria, tem a poesia dos versos.

O GALO - Seria então o caso de dizer-se que o movimento já estava aí, faltava dar-lhe o nome?

I. M. - E colocar em reunião os seus artistas diversos. Jean Duvignaut diz que uma das características da academia, no sentido lato, desde o século XVII, foi separar as formas artísticas. Isto é música, isto é pintura, isto é literatura, etc. Na cultura popular, nas culturas orais, essas formas sempre foram interligadas. O Movimento Armorial consegue quebrar essas separações da academia e fazer com que as formas artísticas procurem se reencontrar e que se fale de esculturas que nascem de um romance, de um romance que passa pela ilustração não somente para ilustrar, mas como um desenho entrando na obra, etc. Em suma, as artes voltam a se reencontrar no Movimento Armorial, e este é um traço bem distintivo desse movimento e que dá uma idéia de sua grande importância cultural.

II Encontro com a Literatura Nordestina

FJA aprofunda diálogo das letras



O poeta Luís Carlos Guimarães participou ativamente da palestra do escritor sergipano Francisco J. C. Dantas, na abertura do II Encontro

Nelson Patriota

Existe uma ficção nordestina que repudia as armadilhas das conceituações simplistas contidas no rótulo “regionalismo”, e se afirma com a bandeira da integração regional. Estes princípios foram a tônica do II Encontro com a Literatura Nordestina, realizado pela Fundação José Augusto e que mobilizou centenas de intelectuais, professores e estudantes no Palácio da Cultura, em Natal, nos dias 27, 28 e 29 de outubro. O primeiro encontro aconteceu, em maio deste ano, e trouxe a Natal

os escritores Jorge Tufic (Ceará); Hildeberto Barbosa e Odilon Ribeiro Coutinho (Paraíba); e Marcus Accioly (Pernambuco).

O encontro foi aberto pelo escritor sergipano Francisco Dantas, tendo como mediador o professor Belchior de Vasconcelos Leite, estudioso da obra de Dantas e que, por isso mesmo, encaminhou com segurança e objetividade os debates que se sucederam à palestra. Autor de uma obra ficcional formada pelos romances *Coivara da Memória*, *Os Desvalidos* e *Cartilha do Silêncio*, e do estudo crítico *A Mulher no*

Romance de Eça de Queiroz, Francisco Dantas abordou a complexa temática da criação de personagens e que, através de uma detalhada exposição do tema, descartou as explicações idealistas, atendo-se à razão clássica: o personagem é criatura que sempre reflete a vivência e a experiência do criador, e, portanto, tem tudo ver com ele. A palestra seguinte, feita pela professora Maria Lúcia dal Farra, teve como mediador o professor Pedro Vicente da Costa Sobrinho, que salientou aspectos singulares da poesia da palestrante, como sua temática gustativa e gastronômica. A pa

II Encontro com a Literatura Nordestina

lestra reuniu seis poetas de língua portuguesa deste século: Florbela Espanca, Cecília Meireles, Gilka Machado, Zila Mamede, Adélia Prado e Paula Tavares, esta última, angolana.

No segundo dia, o programa do Encontro foi monopolizado pela mesa-redonda sobre a obra de Ariano Suassuna, para o que foram convidados o professor e poeta pernambucano Carlos Newton Jr., - hoje um expert na obra do criador do Movimento Armorial, - e o poeta cearense Virgílio Maia, tendo como mediador o poeta Dácio Galvão, ambos também *arianistas*. O evento levantou aspectos interessantíssimos sobre a obra de Ariano Suassuna e pouco conhecidos do grande público, como sua produção dramaturgica, que coincide com o começo de sua produção literária, e sua poesia, que percorre toda a sua obra, segundo indicou Newton Jr. O debate foi esclarecedor, sob muitos aspectos, para elucidar detalhes acerca do grande romance de Ariano, *A Pedra do Reino*, e discutiu ainda a atualidade e alcance do Movimento Armorial, o qual tem em Carlos Newton Jr., Virgílio Maia dois dos seus principais representantes na atualidade. Newton Jr. chamou a atenção ainda para a influência do *Dom Quixote*, de Cervantes, e da Bíblia, na construção da obra de Ariano. O desdobramento do Movimento Armorial para outras artes, aí incluídas as artes gráficas e a música, também foi discutido pelos palestrantes a partir de questões levantadas pela platéia.

O terceiro e último dia do II Encontro com a Literatura Nordestina foi reservado, na primeira parte da manhã, à palestra do poeta paraibano Sérgio Castro Pinto, tendo como mediador o filósofo Pablo Capistrano, enquanto sua segunda parte coube à poetisa Diva Cunha, e a mediação ao contista Bartolomeu Correia de Melo.

O poeta paraibano surpreendeu a audiência com uma palestra de tom intimista matizada por extratos de poemas seus, minimalistas, regra geral, em sua roupagem formal, mas de rara riqueza quando considerados em seu aspecto conteudístico.

A poetisa Diva Cunha preferiu falar de sua experiência como pesquisadora da literatura norte-rio-grandense, e que já rendeu uma obra que, por enquanto, permanece inédita. Trata-se de um manual expositivo exemplificado por textos básicos compreendendo os poetas e os prosadores.

Ao término do encontro ficou a certeza de que eventos como esses que a Fundação José Augusto vem promovendo, se inserem dentro de uma política que o Rio Grande do Norte, em sua busca de afirmação cultural entre os seus vizinhos nordestinos, não pode prescindir, e que, simultaneamente, se prestam para aprofundar as relações culturais nessa grande região brasileira.



As palestras de Maria Lúcia dal Farra (acima) e Francisco J. C. Dantas (abaixo) despertaram grande interesse no público e suscitaram diversas perguntas que foram respondidas pelos dois escritores na abertura do II Encontro com a Literatura Nordestina



II Encontro com a Literatura Nordestina

O poeta e a vida literária

Sérgio de Castro Pinto

De princípio, cabe a indagação: o que é vida literária? Será aquela vivida longe da leitura, da elaboração do poema? Se o for, mesmo aí deve-se levar em conta que «tudo acontece para terminar em livro». Ou seja, só quem escreve sabe o quanto o poema - sobretudo na sua forma larvar, embrionária - mostra-se ubíquo, onipresente; o quanto ele nos acompanha quer estejamos numa palestra, num recital, no cinema, numa ópera, etc. E sabe, também, o quanto ele se mostra arredo, antípoda. Daí os poemas metalingüísticos versarem, quase sempre, a respeito da dificuldade do poeta em vencer a distância entre a emoção que se instala à flor da pele e a folha de papel. Distância somente vencida a custo de muito esforço, já que nem sempre o poeta ronda o poema como uma fera à presa, pois, às vezes, fera presa e acuada/ entre as grades do poema-jaula,/ doma-o o chicote das palavras.

Pois bem, nos meus momentos de efervescência criativa, tudo é poesia que procuro converter em poema. Inclusive a vida literária, se compreendermos como tal o convívio nas redações de jornais, nas rodas boêmias, o convívio, enfim, com tudo aquilo que só aparentemente nos extravia das veredas da criação poética.

Qual a vez ou quais as vezes em que entrei em rota de colisão com a poesia? Decididamente não foi nos bares, posto que nas suas mesas damos «a volta ao dia em oitenta mundos», tal como ocorreu na «Bambu» de saudosa memória, espécie de núcleo de convergência e de divergências de uma geração sobre a qual - valendo-me do rótulo do «Ron Montilla» - escrevi os seguintes versos: a carta branca do montilla/ não era de alforria./ o papagaio era calado./ o cuba-libre nos prendia./ e em barris de carvalho/ o tempo envilecia.

Sequer como prospector da Delegacia Regional do Trabalho da Paraíba, que foi quando negligenciei das minhas funções burocráticas para iniciar a prospecção do solo, dos filões, dos veios da poesia: eis a fórmula ou a forma:/ a água fura a rocha

Muito menos como advogado da Delegacia do Serviço do Patrimônio da União, desta feita muito mais entregue - por força

do acúmulo de trabalho - às lides jurídicas do que às efusões líricas. Contudo, foi justamente nessa época que escrevi «Domicílio em trânsito», título que, embora tomado de empréstimo do Direito, procura refletir - através do poder transfigurador da linguagem - uma atmosfera doméstica, domiciliar: chegar em casa/ é desatar nós/ da gravata/ aos/ cadarços./ é deixar-me livre/ dentro das chinelas/ e fora do *bridge*./ é girar com os dedos/ o bico dos teus seios/ como um segredo/ de caixa-forte./ é abrir-te/ para os nós cegos/ do meu amor.

Na maioria dos poemas de «Domicílio em trânsito», as vezes em que o sujeito emissor sai às ruas, logo é devolvido ao aconchego da casa,, a exemplo do que sucede no desfecho de «sem fórmula», onde nostalgicamente ele se põe a observar um álbum de fotografias: não piso a embreagem,/ piso a paisagem/ e a ponho em primeira,/ segunda, terceira e quarta/ de segunda à sexta./ (às vezes dou-lhe ré,/ mas ela sempre me escapa)./ aos sábados e domingos/ deixo-me ficar em ponto morto/ diante dessas fotos já sem cor:// Paisagens vistas de um retrovisor?

Curiosamente, nunca escrevi um poema sequer fora de casa. Mas nada me impediu de, até mesmo nas repartições públicas, ter-me munido de «uma paciência meio atenta e meio distraída» para, na condição de «voyeur», iniciar o poema no plano ainda nebuloso das idéias. Só que, tomando forma aos poucos, apenas em casa, no «recesso do lar», é que ele adquiria o estatuto da palavra escrita. Aprendi, com Wordsworth, que a «poesia é emoção recolhida na tranqüilidade». Foi assim, por exemplo, quando vi Garrincha, decrépito e sonado, desfilar num carro alegórico de uma escola de samba. Passaram-se anos, muitos anos, para que o poema amadurecesse e viesse à tona: se não driblas, o alambrado/ é a tela de um viveiro/ onde te fazes prisioneiro./ se driblas, és um mágico/ a liberar os muitos pássaros/ do teu nome/ enquanto os cartolas/ dão tratos à bola e te fintam fora do gramado./ hoje, onde o pássaro que foste?/ no ar entre aéreo e sonado/ com que desfilas as tuas penas/ na alegoria de um carro?

Às vezes desconfio de que o poema nasceu primeiro do que o poeta, dúyida tão



Maria Lúcia dal Farra faz exposição didática sobre a presença da mulher na poesia de expressão portuguesa



Francisco J. C. Dantas revelou segredos da criação de personagens em suas obras de ficção e falou sobre ficcionistas brasileiros de hoje

II Encontro com a Literatura Nordestina

metafísica quanto a indagação se o ovo nasceu primeiro do que a galinha ou vice-versa. Na verdade, creio que desde criança, sem ainda me dar conta de que seria poeta, os lugares, as paisagens, enfim, as circunstâncias que vivi, pouco a pouco entulhavam-me de poemas informes, move-diços, fragmentados, que correspondem à poesia em seu estado bruto. É que o poeta ainda não existia para dar-lhes organicidade, coerência, coesão. Mas como «o menino é o pai do homem» e o poeta se aproxima do menino no olhar inaugural que este lança sobre as coisas ao seu redor, eis que depois de muitas leituras e muitas tentativas vãs de escrever poemas – os lugares, as paisagens da infância, da adolescência, finalmente foram reconstituídos através da palavra escrita. Tanto que as chamadas «matinês das modas», sessões do Cine Brasil que iniciaram os da minha geração na prática sempre saudável da bolinagem,, só as revivi em poema inserto no livro «Domicílio em trânsito», de 1983: abriam-se cortinas./ zíperes e braguilhas./ tinha início a projeção/ de mãos por entre pernas./ tão brasil!

Já os retratos dos avós que me espreitavam desde a mais tenra infância, somente os emoldurei em poema no ano de 1973: as gravatas enforcam/ as palavras dos avós/ e se mais tento o diálogo/ mais se apertam os nós/ dos avós que se enforcam/ de cabeça para baixo/ presos aos seus silêncios/ cientes dos seus recatos/ de que não podem falar/ sobre o que foi viajado/ e da distância que há/ entre o neto e seus retratos.

Em outras oportunidades, porém, o poema nasce como um ato falho: sequer os ensaio./ mas os meus atos/ falhos/ encenam-se assim: eles já no palco/ e eu ainda/ no camarim (O cerco da memória, 1993). Ou seja, «Às vezes, ocorre/ um autor estar/ aquém/ - do próprio texto./ De o texto ter-se feito,/ além dos dedos, como gavinha que inventou/ a direção de seu verde,/ e fonte que minou/ o inconsciente segredo./ (...) Lá vai o poema ou trem/ que larga o maquinista/ na estação/ e se interna no sertão./ Ali o poema/ olhado de binóculo/ - só de longe tocado -/ e o autor, falso piloto/ largado na pista ou salas/ do aeroporto, atrás do vidro,/ enquanto o texto/ levanta seu vôo cego/ com o radar da emoção...»(Affonso Romano de Sant'Anna)

Mas quais, finalmente, os momentos em que entrei em rota de colisão com a poesia? Que me lembre, em nenhum. Apenas refreio o meu ímpeto de entrar em rota de colisão com os recalcados Goelbbels tupiniquins quando estes, do alto de sua soberba, nos tratam de “poetas”. “Poetas” assim mesmo, entre aspas, pejorativamente, como se fôssemos habitantes ribeirinhos de uma terceira margem do Potengi ou do Sanhauá.



Da esquerda para a direita, Virgílio Maia, Dácio Galvão e Carlos Newton Jr., que promoveram um interessante debate sobre a obra de Ariano Suassuna



Bartolomeu Correia de Melo apresenta a palestrante Diva Cunha, a qual fez uma criteriosa exposição sobre seu trabalho com a história da literatura norte-rio-grandense



Pablo Capistrano (esquerda) apresenta o poeta Sérgio de Castro Pinto, autor da palestra “O poeta e a vida literária”, reproduzida integralmente na página interior

Às vezes, as vozes

Bartolomeu Correia de Melo

A Inácio Magalhães de Sena.

*Sino, claro sino,
Tocas para quem?*

Carlos Pena Filho

Como encalhada na beira do vale, a igreja semelha enorme barcaça. Brisa do patamar perdeu cheiros de melão. Maré verde dos canaviais anda vazante. Poesia naufragada na ausência dos engenhos. Quede os bueiros defumando a paisagem de manhã da criação?

Aqui, debaixo do sino, revejo aqueles velhos quandos. Vezes ficadas na lembrança, vozes fincadas na saudade. Eu, menino banguelo, ainda molhando rede, me pondo desasnado.

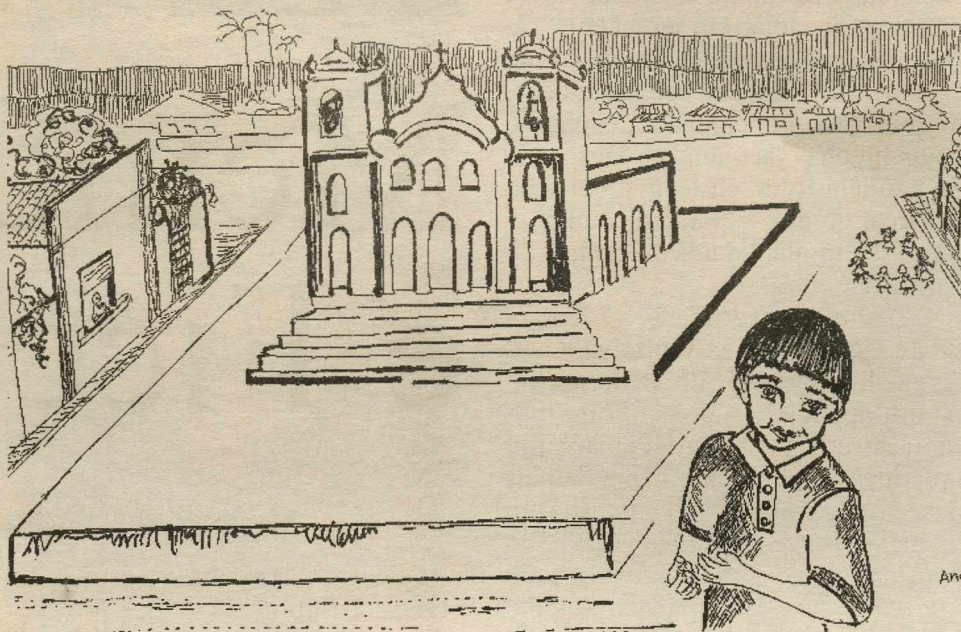
Neste país do Ceará-Mirim, a vida naquele desvexame... Não havia, nem ainda carecia, relógio badalando na torre da matriz. Pra se informar do tempo escorrendo, bastava atentar nas vozes do lugar. Escutar as coisas comuns do todo-dia sobe-descendo as ladeiras. Sucedidos de toda qualistria, soando sempre na vez costumeiras. Apito da usina avisava a manhecença, rinchos de jegue na marca do meio-dia, boca-da-noite entoando ave-marias...

Acordada pela hora da usina, minha avó trefava na cozinha. Eu teimando preguiça, enrodilhado na colcha mijada, apreciando escutares de chinelas e painelas. Com pouco, chaleira de ferro também apitava - piuí-uí-uí! - Louro arremedava, pedindo café.

Na saída do sol, passava o trem, resfolegando no rumo do sertão. Vez dela sacolejar minha rede, naquela gentil firmeza, chamando pra escola. Rosto feioso, de pouco riso, dizendo canduras na fala do trem. - "Café-com-pão, bolacha, não!..."

Malchegando seis horas, o bombardão destaquejado de Luís Sapateiro punha-se azucrinando a vizinhança. Meu concriz, tocador melhor, contrariado, emudecia. - "Arre! Mais parece uma carretilha de peidos!" - meu tio xingava, divertido. O bombardão, nem-nem... Soprava e soprava - pum-purum-pumpum! - como querendo atçar o acender da manhã.

Até que, na festa da padroeira, cumpri minha forra. Banda-de-música formada no palanque; toda briosa, tocando dobrados. Chêga dava uma



vontade arrepiosa de marchar. - "Por mais terras que percorra, / não permita Deus que morra, / sem que volte para lá..."

Foi nesse quando que danei-me a chupar tamarina perante o bombardão de Luís. Careteava feito repunasse, imitando a cara bochechuda. O cujo, boca cheia d'água, cospe-cuspia e perdia o compasso. Daí a pouco, pronto que largou da tuba e botou-me pra correr, no meio das gargalhadas. Derna dessa passagem que ficou atendendo por Luís Boca-D'água.

Quem chegava às sete era Zefa Balaio. Aquela mendiga abilolada, diferente no agradecer das esmolas. Minha tia falava em falta de caridade. Mas eu, cabrinha curioso... - "Zefinha, cadê o balaio?" - pedia, enxerido. Toda desrogada, se esgoelava, rebolando o traseiro murcho: - "Balai, balai, balaio, / me segura, senão eu caio!..." Nada de impiedade minha, não. Menino sambudo, ainda nem diferenciava pouco juízo de muita alegria.

Pertinho das oito, vinha descendo o pregão gasguito do vendedor de pirulito. Hora de futucar o mealheiro. Passando defronte, quase porta adentro, gritava quase insultoso: - "Pirulito brasileiro, / enfiado num ponteiro, / dou cinco por um cruzeiro!..." Mesminho do meu tope, fora da escola, Tiziu passava troco e fazia conta na cabeça. Eu empacado na tabuada de sete.

Por volta das nove, do outro lado

da praça, ligavam o rádio-de-bateria da casa de Brasilino. Naquelas alturas, alardeando a nova-riqueza do dono. - "Coisa de matuto, mais parece difusora!" - minha tia amargava despeitos de neta-pobre.

E seguia o programa De alguém para você. Presentes musicais, pela data natalícia, com amor e carinho, ofertando colares-de-beijos... - "Minha musa inspiradora, / minha noite de luar..."

O carro dos reclames do Café Vencedor, maior das novidades. Quando chegado na bodega de Severino, era sinal das dez horas. Tocava música profana; coisa que minha avó esconjurava. - "Tibes, que é chegado o fim-do-mundo!" - se rebenzia. Mas, aqui-acolá, punha-se batendo bifés e temperos na pancada de baião, solfejando distraída: - "Calu, Calu, / tira o verde / dos teus óio / de riba d'eu..."

Eu cismava naquilo, desentendido. Safada mesmo, era a moda aprendida de Mundico. Botador d'água subia pelas onze, tangendo os burros no estalo do relho. - "O velho mais a velha, / foram se banhar na bica / a velha escorregou..." Um dia, mais por descuido de inocência que mesmo malineza enxerimento, findei cantando aquilo na presença de alguém. Boca lavada com tapa e sabão.

Dia quase meiando, descia o caminhão de Horácio. Embanguelado derna da ladeira do Patu, todo semostrador. Dúzia-e-meia de buzinas, destampando aquele xote: - "Lá

no meu pé-de-serra, / deixei ficar meu coração..." Meu tio intolerava: - "Esse aí, faz na entrada e na saída!" Naquelas vezes, eu mais queria, de-com-força mesmo, ser chofer-sanfoneiro.

Almoço de passoca com banana e rapadura. Mistura branda e forte, assim sertaneja que nem minha avó. Eu desimpaciente, arrodeando a mesa posta, aqui-acolá, beliscava um prato. - "Tenha estilo, esse-menino!" - bezourico ardia nas orelhas.

Meio escondido, resguardando malexemplo, meu tio bicava vinho de jurubeba; diz-que pra abrir apetite. - "Ah, vinho-do-porto dos bons tempos!... - fazia-de-conta." Chuá-chuá de banho-de-cuia. Minha tia cantando, muito a sério, remanchona no banheiro, judiava minha fome: - "Mas se um dia não voltares / pra findarem meus pesaões..."

Uma hora, tudo parado. Somente a latomia veludosa das rolas-burguesas - phruu-phru-phruu!... - velando as madornas. De repente, soava o tingo-lingo-tingo do cavaco-chinês. Vinha que vinha, retinindo feito um diabinho pinotando no mormaço. Pinicava minha gulodice, malatentando pra caçar moedas nas gavetas. Mas, nisso de furtar, sempre fui frouxo...

Aos poucos, no terço da tarde, piados de andorinha esfriavam a brisa do vale. Pras bandas da escola de dona Adália, a cantilena das tabuadas soletrando cada minuto. - "Dois vez dois, quatro; / dois vez três, seis / dois vez quatro..." Pedaco mais chato do dia.

Bom mesmo era gazejar na beira do rio-dos-homens. - "Lugar perigoso!" - meu tio bem que avisava. - "Escola de imoralidades!" - minha tia ameaçava. Minha avó, mais de fazer que de falar. Ela cosia com retrós, bem no gogó, a abertura da camisa. Desse jeito, não dava pra tirar roupa e tomar banho escondido. Mas tudo proibido mais atenta a esperteza. Daí que malinei de arranjar também linha e agulha. Assim, depois da vadiagem, recosturava aquele fecho. E haja estibungo, cangapé e zero no boletim! Até que, num dia esquerdo, fui pego em descuido. Nem dei fé que a linha dela era doutra cor...

No descambar da tarde, quando tinha circo, passava o palhaço, gritando indecências. Naquilo, eu menino-de-família, morria de vontade. Mas daquela vez, fugido e remorsado, metido na muniça, também

"Bartolomeu, tua mãe morreu! / A cueca do palhaço, urubu comeu!" Tal refrão não me atingia. Nesse tempo, que me lembre, meu nome era Dequinha.

Depois da passeata, o palhaço marcava cada moleque. Cruz azul riscada no braço, dando vez de entrar sem pagar. Logrei esconder dos de casa aquele sinal vergonhoso. Porém, na obrigação detestada do banho, a tinta soverteu. Tentando refazer a marca, quebrei o tinteiro. Por desobediente e malastucioso, fiquei de castigo, sem pão nem circo.

Nas tardinhas domingueiras, ligavam mais cedo o motor-de-luz. Sinal modernoso e mudo chamando pra matinê. Vez de filme de Carlitos com seriado de Tarzan. O cinema de seu Jorge teria talvez algum nome, mas ninguém chamava. Gongo, isso não tinha, não. Sempre aquele mesmo toque de valsa anunciava o começo da função. — "Toda manhã, Terezinha / vinha colher belas rosas..."

Naquilo tudo, tinha o confeitiro, chamado Inácio. Menino-velho de calças pega-bode e gaiatices de Cantinflas. Fingindo atraso, tabuleiro no pescoço, chegava correndo desengonçado. — "Esbera, esbera Kalil, zinhora Derezinha!" — arremedava a fala do mascate turco. Vivendo assim, entre risos e confeitos, bem achado feliz pela meninada. Decerto que invejava seu lirismo, coisa desconhecida mas pressentida, doçura-maior que ele dava de graça e nem sabia.

Beirando as cinco, balaião quentinho e cheiroso, Zezim abria o pregão nas calçadas. — "Massa-fina, pão-de-leite; pão-crioulo!..." E a molequeira malvada arremedava-lhe a cantiga: — "Merda-fina, pão-tolete; caga-bolo!" Ele, de besta, se abufelando. Por vezes, largava o balaio, pra correr atrás dalgum, garfo empunhado. — "Ah, juro que furo!" Daí, os demais aproveitavam...

Boquinha-da-noite, a difusora do padre chiava e zumbia, excomungando os morcegos das torres. Depois, a voz clareava. E como benzendo o casario, boiava no lusco-fusco o bendito preferido da minha avó. — "Aveé, aveé, aveé, aveé Mariia..."

Depois da janta pobre — guisado com cuscuz, peixe-frito com batata... — soava piano no sobrado dos primos-ricos. — "Será que tu recordas, como eu, / aquele tempo tão feliz..." Diz que parentes cheios de bondades. Eu desentendia, deles não sentia bondade nenhuma. Na *Hora do Brasil*, meu tio apreciava a música d'O Guarani. Eu preferia a do guaraná *Fratelivita*.

Girando pelas oito, na rua descálça, soavam cirandinhas. Brinquedo de menina, renegado mas desejado: — "Na mão direita tem uma roseira, / que dá flor na primavera..." Mas a minha prima Vera, flor mais bonita da

roda, naquele vestido rosa, nunca ligava pra mim.

Mais tarde, de nove pra dez, motor-de-luz pisca-piscava e apagava. No clarão tremelicado da lamparina, semblante de minha avó abrandava a sisudez. Sabia de adivinhas e muitos trancosos. Estórias espichadas, tão compridas de dar sono. Contadas na fala melosa das abas do Cabugi. — "Cadê Zabé Vilô? / Já lavou mãos, / já lavou pés, / já se deitou..."

Chegada meia-noite, sendo de lua-cheia, no dizer do tio sonetista; havia pranteios de violão em serenata. — "Se você não me queria, / não devia me procurar..." Minhas primas-moças, num alvoroço cochichado, espiando pelas brechas das janelas. Despertado naquela folia, eu levava beliscão pra ficar quieto. — "Falta de compostura!..." — minha tia nos azedumes do caritó.

No alto da madrugada, a roedeira de Zé Gaúcho me assombrava. Gaúcho daqui mesmo, do Pedregulho. Assim apelidado, por perda da mulher prum chofer sulista. Bêbado igualmente manso, porém por demais desentoadado, botando a cachorrada pra uivar: — "Torneei-me um ébrio, / na bebiida busco esquecer / aquela ingraata..." — "Haja pedaço nojento de corno! — meu tio, malacordado, resmungava.

Mais tarde, rondava a cruviana, friagem com nome de bruxa. Rasga-mortalha voando em cruz arriba da casa — ...tri-tri-tri-tri... — arrepiava o silêncio das horas. Aí, era vez de molhar a rede... Depois, os galos iam chegando, chegando... Até acordarem sino, padroeiro das vozes e das vezes do lugar. Diz-que de bronze temperado com arrobas de ouro. Toando assim, pesado mas brilhoso. Alegre de manhãzinha, penoso no entardecer. Eu quietinho na rede mijada. Acarinhado na morna doçura daquele toque; querido como o abraço de minha avó.

Agora, tempo apressando, velhice chegando, lugar complicando. Verdumes do vale sumindo, como esperanças quase esquecidas. E aqueles soares virando vagos zoares...

Mas o timbre do sino nunca mudou. Segue sempre igual, encurtando lonjuras da vida. Naquele dom milagroso de adoçar lembranças e amornar corações. Debaixo dele, o tempo não passa. E como que repassa um menino levado dentro de mim.

Aí, ressoam passadas cantigas, estórias antigas, saudades amigas...

Vez da voz generosa do sino que, consolando mágoas, chora a minguada dos canaviais

Ceará-Mirim / 1999.

Bartolomeu Correia de Melo, norte-rio-grandense de Ceará-Mirim, é autor de *Lugar de Estórias*.



Sobreira recompõe lembranças pessoais da Natal dos anos 60 em sua novela "A Venda retirada"

Em seus primeiros livros Sobreira já trabalha com a matéria complexa das relações humanas



Memória e Ficção

Acyr Castro

Quem acompanha a carreira de Francisco Sobreira, contos e novelas, sabe que "A Venda Retirada", lançada pela Editora Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é um passo largo na individualização do ficcionista que se quer (e, de fato, já é) dos mais interessantes do momento, eu diria até que de qualquer momento.

O escritor cearense, radicado em Natal, filho de Canindé, veio a Belém em maio e disso, inclusive, dei notícia aqui em *A Província*. Na ocasião, falou das lutas que trava para se firmar nas letras à parte da "vida literária" que, no geral, e fundamentalmente, mata a individualidade do artista.

Faz muito bem Sobreira, um espírito próprio, original, que se esforça na salvaguarda (ou reinvenção) de sua individualização, da originalidade que, laboriosamente, busca consolidar, criadoramente, engendrando-se a cada livro.

Em "A Venda Retirada" ele demonstra a que níveis já chegou nessa busca; recompondo lembranças pessoais (o texto a serviço do contexto) no romanesco a que atinge a sua arte singela, porém complexa já que se desdobra em modulações diria mesmo dialéticas (só à primeira vista simples) no recontar fatos, visualizados estilisticamente, são ficção pura dentro da operacionalidade da linguagem trabalhada.

Não se carece ter vivido o que ele viveu nos anos 60 na capital potiguar em pleno regime de '64 para, digamos, "reconhecê-los" na composição literária.

Um realista que vai à intimidade

do verismo, de Marcel Proust (eu ia dizer Lúcio Cardoso) a, na verdade, Graciliano Ramos, sem nada a ver com os processos mentais do primeiro e o mergulho ao subterrâneo do segundo. Já o terceiro, a quem particularmente admira segundo Manoel Onofre Jr. no prefácio, sem dúvida o influencia na secura e na rispidez de certo fraseado.

Acho enganosa a espontaneidade do "dizer" do ficcionista de Canindé que o Ceará deu ao Rio Grande do Norte e ao Brasil. O homem tem os seus labirintos, temáticos e formais, alguns deles visualizados à moda cinematográfica, não fosse Francisco Sobreira um veterano da crítica de cinema e do cineclubismo com quilometragem das mais altas.

Muito gente torcerá o nariz para "A Venda Retirada" em Natal e nação afora; em especial múmias ideológicas e partidárias que o livro focaliza até por necessidade de exatidão psicológica ou de documentação histórica. Como o jornalista não pode jamais brigar com a notícia, que há de fazer o escritor em face do fato em processo?

Os leitores preconceituosos, todavia, não abafem o novelista; até pela razão, nua e crua, de que, por causa do pre/conceito, são péssimos juizes. Espero, contudo, que nenhuma espécie do tipo chateie Francisco Sobreira, para quem, de cima das minhas tamancas, peço a atenção do distinto público leitor.

(Publicado em "A Província", de Belém/PA, em 07.07.1999)

Acyr Castro, paraense, é jornalista e mantém há muitos anos uma coluna diária no jornal "A Província", de Belém/PA. Labim/UFRN

A menina da janela

"Há muerto una niña, y nosotros no sabemos su nombre y nosotros no la hemos conocido, y nosotros la habremos visto alguna vez."

Raúl González Tuñón

Luís Carlos Guimarães

Agora mesmo, na manhã fria, de céu nublado, o guarda-chuva à mão, indo para o centro da cidade, o homem vê a face da menina na janela exposta ao tempo, naquela imobilidade que excita sua mania curiosa de encontrar para ela uma história de fantasia. Desde que a viu pela primeira vez, o alheamento do seu olhar não indicava que se dirigisse para nenhum lugar, nem perto nem longe, um olhar amargurado e sem esperança. Como sempre, deixava sem resposta seu aceno, a ele que gostaria de receber um sorriso de seu rosto menino.

Seguia, mas ao dobrar um canteiro olhava mais uma vez para o alto e via a menina olhando numa direção imprecisa, para não sabia o quê, numa quase liturgia, de tão repetida. Tão vaga era a atitude da menina, que ele ficava na incerteza se ela olhava para alguma coisa, um ponto qualquer no espaço que, se existia, não podia dizer qual fosse. Demorado, fixo, numa lonjura indefinida, perdido, procurando talvez o que estivesse dentro dela, no seu coração, ou na sua alma. Nunca lá pra fora, para os verdes do parque, ou para o céu, limpo às vezes ou carregado de nuvens, com sol ou prenunciando chuva.

Era um olhar que não dava para notar se se movia numa ou noutra direção. Seria um olhar desesperado, aflito, infeliz, de tristeza passageira ou perene? Jamais teria o arrebatamento de felicidade de uma menina que, recuperando a visão num súbito e inesperado milagre, visse o mundo pela primeira vez. Haveria naqueles olhos apagados o pressentimento do amor que estava para chegar?

Que idade teria a menina da janela? Entre doze e quinze anos, ele supunha. Não sabendo o seu nome, como também acreditava que ninguém o soubesse, ele a chama de menina por uma indizível ternura que adivinhava oculta no seu olhar. Ele, um homem triste e desesperançado, que não encontrara um sentido para sua vida, solitário entre o ser só e a solidão. Aquela menina que nem baixava o olhar para a beleza da relva do parque, para a copa acolhedora das mangueiras, para os macios amarelos das acácias, para o vermelho incendiado dos flamboyants. A menina era

uma presença tão constante na janela que parecia um quadro na moldura. E nem concedia um breve olhar para aquelas flores silvestres, rasteiras na sua humildade desamparada.

No caminho de manhã para o trabalho, quando o dia destilava sua claridade na grama que guardava o orvalho que restara da madrugada, nunca esqueceu uma ligeira saudação, uma frase rápida à menina da janela. E nunca obteve resposta, fosse um gesto solto no ar, o abrir dos lábios que não chegasse a articular um sorriso, o balançar da cabeça ondeando a longa cabeleira, uns olhos reconhecidos para ele que passava apressado, nada, nem o murmúrio de uma tênue e inaudível palavra que tocasse os seus ouvidos atentos. Imóvel estava, imóvel se conservava. Será que não o via? Jamais presumiu que fosse cega, surda ou muda. Não. Não podia ser.

Dava para perceber que todas as manhãs, e tardes, e até pela noite, ao regressar de seus afazeres, que ela ficava lá, todos os dias, num completo retraimento. Ó menina abandonada!, buscas a desolação das estátuas que nunca verão o arco-íris? Desde que viera residir naquele prédio, fazia já dez meses, se chegara sem conhecer ninguém, continuava ignorado na vi-

zinhança. E logo chamou sua atenção aquela menina na janela, num isolamento sem parentes. Para ele, que não sabia seu nome nem sua história, era apenas a menina da janela.

Numa persistência que raiava a obsessão queria descobrir aquela expressão distante nos seus olhos. Essa falta de perspectiva o preocupava. Não chegando a nenhuma conclusão, não podia sequer dizer para si mesmo: nesse instante a menina observa num canteiro do parque uma rosa rubra que desabrocha numa roseira.

Causou-lhe sobressalto verificar que um pardal, dos muitos pássaros que povoavam o parque, pousou na beira da janela e a menina continuou impassível, como se nada tivesse acontecido. Com rumor, logo voou para juntar-se ao bando de aves em algazarra na pequena ponte do canal. A proximidade do pássaro e o agitar das asas, quase sobre suas mãos cruzadas, não serem levados em conta, era um fato incompreensível.

Sua curiosidade repentina desapareceu ao lembrar-se das tantas vezes que acenava para ela, e até elevava o tom da voz como se procurasse acordá-la. Acordá-la, sim, pois seu enlevo sugeria um estado de sono, de quase letargia. Esqueceu o incidente e seguiu ao lado das pessoas que iam

na mesma direção ou se desviando de outras que caminhavam em sentido contrário. Era a vida no seu fluxo constante.

Todos os dias chegava à repartição às 9 horas, saía ao meio-dia para o almoço em companhia de algum colega, esparecia até o recomeço do trabalho, de onde regressava à sua casa no fim do expediente. Essa era rigorosamente a ordem de sua vida, que durava desde que fora transferido de um estado vizinho.

Seu relacionamento com os colegas era cordial. Não cogitava de aprofundar a convivência, mais por seu temperamento retraído, difícil até, que se acentuara com a morte da mulher, causada pelo parto de uma filha que nascera cega e vivera somente doze anos. A perda da mulher após um casamento de dois anos, afastou-o do pouco que a vida podia lhe oferecer de alegria para dedicar-se à filha. Seu recolhimento cresceu com o tempo e tornou-se excessivo quando ficou sozinho no mundo.

A ninguém responsabilizara o que ocorrera. O destino está na relação das probabilidades que o homem criou para dar sentido ao imponderável. Seu ceticismo lhe bastava e seu pessimismo era um escudo para enfrentar a dureza da vida que fora com ele cruel e perversa. Assim evitava laços de amizade e preenchia sua solidão com recordações. Pelo menos as que pudessem suavizar sua vida. A menina da janela talvez fosse uma ponte para o passado.

Uma noite ao chegar em casa, pretendendo ordenar documentos em pastas, separar papéis velhos, arrumar livros esquecidos numa estante, com surpresa encontrou um binóculo entre revistas amarrotadas. Nem se lembrava daquele objeto que ficaria melhor acomodado num museu. Com um pano molhado limpou as lentes empoeiradas. Experimentou-o para espiar o parque e trouxe para perto as árvores, a ponte, os canteiros, os brinquedos das crianças, as grades que contornavam o canal pintadas de verde escuro.

Apontando para o alto, na direção dos edifícios laterais da direita, enfocou o andar onde residia a menina que vinha instigando sua curiosidade. Com excitação e ansiedade, assim mesmo prosseguiu numa busca vagarosa, colocou o visor no rumo



que pressentiu certo. Naquele ato de quase voyeurismo, numa alegria semelhante à de uma criança que encontra um brinquedo perdido, viu o seu perfil envolto numa escassa luminosidade.

A desilusão veio logo porque o ângulo de visão alcançava apenas o seu perfil, quase uma silhueta modelada na escuridão, lançado para fora da janela e dentro da noite, atenuado pela fraca luz das lâmpadas nos postes espalhados pelo parque. A iluminação da sala onde ela estava apoiada à janela — dava para divisar bem — diluía-se no seu interior, talvez ocupado por uma mesa, uma cortina na porta, cadeiras, um jarro de flores, quadros e retratos na parede.

Uma rápida chuvarada formara algumas poças de água que estremecia à passagem de uma brisa leve que exalava no ar um cheiro de folhas molhadas. Os edifícios estendiam suas sombras sobre o calçamento de um brilho oleoso, destacando o globo das luminárias como minúsculas luas trementes no frio noturno. Com aquela cintilação baça do asfalto úmido, o chão lhe recordava o daquelas ruas dos filmes antigos em preto e branco, alumiadas com intermitência pelos faróis dos carros que passavam.

Lá onde ela estava, apesar da aproximação trazida pelas lentes, os longos cabelos derramados ao lado do rosto não permitiam distinguir o olhar, também porque uma árvore vizinha espalhava seus ramos, e flutuava ao sopro da brisa, ora iluminando ora escurecendo o ambiente focalizado. Não era possível notar a distância, se os seus olhos sensitivos retinham alguma expressão de afeto ou de ira, de indiferença ou amizade, qualquer sinal que fosse uma chave para abrir seu coração, para avaliar seus sentimentos e sua história, seu nome, sua vida. O que ela pensaria agora? Um desengano com um pedido recusado a fez desconsolada e triste? Não a deixaram assistir um filme de sucesso em um dos cinemas da cidade? Não fora a apresentação de um cantor da moda? Já que não tinha nada a fazer, por que não saía de sua janela e ia passear debaixo das árvores? Debruçar-se na pequena fonte que refletiria sua face de menina? Olhar o céu que prometia a beleza de um dia ensolarado e sem calor, visitado pelas brisas do mar que chegam à cidade?

Do seu perfil sobressaía um nariz reto e longo, a boca bem conformada, o queixo um pouco saliente, a sua figura emergindo da penumbra. A visão não oferecia nada que pudesse fazer um confronto com qualquer fisionomia conhecida. De repente, numa apreensão vaga, talvez situada numa zona obscura de sua memória, lembrou o penteado, um detalhe na

linha do nariz, um traço da boca, que pareciam com os de sua filha morta. Tanto tempo havia passado, que era absurdo, senão impossível, esse tipo de associação. Esse raciocínio nada esclarecia. Encontramos fisionomias semelhantes todos os dias.

Abandonou seu passatempo quando percebeu que era observado por um transeunte que vagava pelo parque. Retornou à sala e não conseguiu fixar a atenção num programa de televisão. De um canal a outro, por fim acomodou-se num velho filme romântico, dos anos 40, com Charles Boyer e Irene Dunne, atores há muito falecidos. Afinal, quando adormeceu o sono foi agitado por um pesadelo, em que uma mesma menina, com um olhar de censura, encarava-o das janelas de todos os apartamentos ao redor do parque. Despertou trêmulo e perturbado. Qual seria a explicação para o pesadelo? Talvez o fato de ter buscado uma identidade para a menina, tivesse acionado os mecanismos de sua mente, induzindo aquele sonho estranho.

Da tensão passou à sonolência, mas antes que seus olhos se fechassem, avistou numa cômoda junto à cama, duas fotografias em molduras prateadas. Numa delas, a foto do seu casamento. Na outra, sua filha, com uns quatro anos, vestida de branco. No rosto, o olhar parado, neutro, não revelava a cegueira. Como brasa avivada, relacionou a menina do retrato, sua filha morta, àquela menina do pesadelo, projetada em todas as janelas, como uma face refletida em mil espelhos.

Alguém comparou a insônia a um beco sem saída, a um poço sem fundo, a um labirinto sem fim. Era até uma prisão que concedia liberdade ao pensamento e enquanto ansiava reconquistar a serenidade perdida, esperava a rotina de um novo dia. Tudo convergia para a menina da janela e o sonho talvez fornecesse as peças para decifrar o enigma que enredava sua vida. Quem sabe não haveria uma relação de causa e efeito, em todos esses acontecimentos, entre o seu presente e o seu passado. No ir e vir de suas idéias embaralhadas a menina era o centro reativador de suas lembranças.

Ainda assustado continuou juntando as etapas do pesadelo, como quem monta um quebra-cabeça. Ela permanecia a seu lado, e embora não dissesse uma palavra, um grito escapava de sua garganta, desdobrava-se num eco que não acabava nunca. Os braços cruzados, imóveis no parapeito da janela, terminavam naquelas mãos espalmadas que pareciam feitas para aninhar passarinhos. Que apelo desesperado insinuava seus

olhos congestionados nas órbitas?

Ele via a si próprio, de passagem como tantas outras vezes, do chão de paralelepípedos até a altura do quarto andar, imaginando a tomada de uma câmera na perpendicular, enfocando o retângulo da janela, sem que pudesse captar a inteireza de seu rosto esgarçado pela ramagem de uma das árvores. Havia um clima de mistério na atração que essa menina desconhecida exercia sobre esse homem solitário.

Nunca deu importância às teorias para explicar o sonho. Fosse o que fosse: acumulação de impressões recebidas e depois liberadas, o que acontecera deixou seqüelas, sua sensibilidade fora abalada. Assim mesmo, a vida não podia parar. Passou o resto da noite acordado, tenso, mas



o dia tinha que ser vivido, as tarefas retomadas e cumpridas. Um banho de água fria, o café de sempre, o trabalho. Dessa vez, não por um propósito de sua parte, mas encaminhou-se para a cidade e nem se lembrou, como com frequência fazia, de olhar para a janela. No percurso, antes de alcançar o ônibus, achou graça num mágico que, com uma roupa espalhafatosa, numa calçada, com uns passos bizarros, tirava um macaco de uma desbaratada cartola. A atração do número era o macaco dando saltos mortais, de pires na mão, recolhendo moedas. Em frente à repartição, atravessou a rua e entrando na recepção, assinou o ponto e subiu pelo elevador.

Naquela manhã, quando examinava arquivos, correspondências, um funcionário com quem mantinha relação cordial, aproximou-se com a página de classificados de um jornal local que indicava um apartamento para alugar, o de número 410, do Edifício Flor de Lis, do condomínio onde ele morava, igual ao seu, no quarto andar, como o seu e do lado da sombra. Adiantou

que a corretora informara que o apartamento nunca tinha sido alugado. O colega pensava em alugá-lo e ter um conhecido como vizinho era, para ele, motivo de satisfação, até porque toda manhã viriam juntos para o trabalho. De repente, a referência ao nome do edifício e ao andar, levou-o à certeza de que o apartamento era o da menina que nunca saía da janela.

Empalideceu e apesar de certo embaraço, manteve-se calmo, desejando que ele tivesse sorte, que o preço era razoável, que fizesse bom negócio. À saída do colega percebeu sua apreensão, seu nervosismo, um certo tremor nas mãos, a testa suada. A cabeça, então, nem pensar, não conseguia articular as idéias. O caos. Respirou fundo. Levantou-se e foi à copa, duas salas após a sua, e com falsa moderação entornou dois copos d'água e bebeu uma xícara de café.

Os sonhos caem no esquecimento. O da noite anterior, com alguns lances fantásticos, o tempo apagaria, não tinha dúvidas. O que continuava a impressioná-lo era a notícia dos classificados, anunciando o aluguel de um imóvel, e já desocupado. O mais estranho e inexplicável: alguém o ocupava, pelo menos uma pessoa, a menina com quem tentava falar e que avistava todos os dias à janela. O expediente da tarde se estirava, custava a passar. Ia tratando dos assuntos que lhe cabia resolver, mas entre um caso e outro, maquinava o que faria ao voltar para casa.

Há quantos meses chegara a Natal e morava no edifício do parque? Dez meses, nem mais nem menos. A presença da menina o atraía desde os primeiros dias. Vê-la, cumprimentá-la, com um gesto ou uma palavra de simpatia, podia ser o começo de uma nova amizade. E a partir dela, com os seus familiares. Somente hoje, pela primeira vez, ocorreu-lhe que jamais perguntara a quem quer que fosse, de quantos habitavam na vizinhança, qualquer informação sobre sua existência e de sua família.

Ele se acostumara a ir direto para casa ao fim do expediente, à hora em que havia um certo movimento de pessoas voltando às suas residências. Decidiu jantar num restaurante e ao aproximar-se de casa, mais tarde, notou o parque deserto. Na noite fria o vento varria as folhas secas para o canal. A luz da lua cheia chegava às copas das árvores e abria fendas na ramaria espessa.

O luar espalhava seu esplendor e até as sombras das árvores e dos edifícios se transformaram em grandes blocos alvacentos. Lá adiante, a forma indistinta de um vulto num dos bancos que rodeavam uma árvore, talvez fosse àquela hora a única presença humana no parque. Acercou-se e viu alguém que nunca tinha vis

to: um velho com um boné de flanela quadriculada, tendo a seus pés um cão, um grande cão de pêlo escuro, com um olhar que era só tristeza. Velhos, velhíssimos; não imaginava porquê ainda estavam vivos. Sem rodeios, indagou e soube tudo quanto queria saber. E com aquela voz dos asmáticos incuráveis disse até que jamais abandonou aquele banco, e que todas as noites pastoreava estrelas. E seu riso de quase zombaria foi interrompido pela tosse.

Dali foi para o Edifício Flor de Lis. Uma placa de metal, ao lado esquerdo do prédio, uns dois metros acima do chão, bem visível, expressava com clareza:

ALUGA-SE O APARTAMENTO 410
TRATAR NA PORTARIA OU
PELO FONE 999.2000

Observou mais uma vez o anúncio: a ferrugem corroía as bordas da placa.

Seria uma ilusão do olhar? Uma armadilha da mente enferma? A fantasia imposta pela leitura de algum conto explorando o sobrenatural? Um filme de terror exibido na televisão? A situação não se enquadrava em nenhum desses casos. Afora uma vida um tanto reclusa, justificada pelas mortes da mulher e da filha, pela falta de amigos e nenhum caso de amor no presente, pela solidão que fazia parte da sua natureza, sua vida transcorria tranqüila e em nada se arredava da normalidade.

Maior foi seu desapontamento quando, olhando para cima, constatou que o apto. 410 estava fechado. Na altura da janela, um galho de árvore agitado pela brisa, movia-se de um lado para outro, traçando um rendado de sombra na fachada iluminada. Aterrorizado, sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo, e tonto, cambaleando, chegou ao apartamento. Logo adormeceu no sofá da sala, em frente à TV.

Acordou pela madrugada, suado e febril. Levantou-se e saciou a sede que lhe queimava a garganta. Doía-lhe a cabeça, o corpo todo. Num impulso, como se atendessem a um chamado, dirigiu-se à janela. Riu um riso de demência ao perceber um clarão na janela do 410. Com a claridade do luar, viu o rosto da menina e distinguiu com nitidez suas feições. Vestia de branco. Os olhos, embora opacos, eram serenos, com aquela serenidade de quem não precisa ver a maldade do mundo. Seu sorriso era o sorriso de anjo de sua filha, no caixão cheio de flores, quando foi levada ao cemitério.

Que são letras de canções?

Marcos A. Silva

Luís da Câmara Cascudo, no Pequeno Manual do Doente Aprendiz, afirmou:

"Não há acontecimento de certo relevo momentâneo, em qualquer classe social, sem a réplica consagrada de um samba ou de uma canção, com a Letra bem expressiva, salientando a motivação alusiva." (p 43)

O Etnógrafo e estudioso de Literatura Oral enfatizou a ligação entre canções e cotidiano social, como uma espécie de reportagem ou crônica musicada. Interessado na sociabilidade dessa forma artística, ele legitimou sua presença no dia-a-dia.

Mais recentemente, alguns Poetas e Críticos literários têm salientado a irredutibilidade das Letras de canções à Poesia, desqualificando artisticamente aquelas. Realçam, por exemplo, suas diferentes musicalidades — a da melodia e a da fala, presumivelmente. Noutros casos, insistem sobre a importância do cânon mundial da Poesia, que exige ser bem conhecido pelos políglotas candidatos a Poeta para retribuir com o acolhimento em seu seio, sugerindo um caráter *naïf*, quando não simplesmente superficial e ignorante, dos Letristas. O resultado dessas operações é a expulsão tardo-platônica (cf. **A República**) das Letras de canções da Cidade da Poesia, ato destituído de quaisquer coroa de louros e sole-ne cortejo, todavia.

O tema convida a pensar sobre Letras de canções indo além da negatividade — ou seja, do não ser Poesia. O que é mesmo que caracteriza aqueles textos? Como diferenciá-los de outras textualidades? Junto com a diferenciação, eles mantêm vínculos intertextuais com Poesia, Dramaturgia (Noel Rosa, em *Conversa de Botequim*: "Seu garçon, me empreste algum dinheiro / Que eu deixei o meu com o bicheiro"), Filosofia (Paulinho da Viola, em *Coração Vulgar*: "O amor que morre é uma ilusão / E uma ilusão deve morrer"), Crônica (Lupicínio Rodrigues, em



Ari Barroso, numa caricatura de Augusto Rodrigues, que capta o humor caprichoso do grande compositor mineiro

Maria Rosa: "Vocês, Marias de agora, / Amem somente uma vez / P'ra que mais tarde essa capa / Não sirva em vocês") e Reportagem (Zé Ketí, em *Nêga Dina*: "Ela pensa que a minha vida é uma beleza / Eu dou duro no baralho para sobreviver")? Existe um cânon de Letras, incluindo Autores, gêneros, obras e outras tradições?

Essas perguntas partem de uma positividade das Letras de canções: elas são textos, mais habitualmente versos — mesmo no caso de Arrigo Barnabé dando ritmo a uma notícia de jornal em *Infortúnio*, ou nas ousadias experimentais de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, construindo ritmos com a repetição de fragmentos de palavras, dentre outros.

Nessa condição, há muito mais elementos que as aproximam da Poesia que fatores para a distância ou a oposição:

1) trabalham com sons, ritmos e imagens verbais;

2) elaboram uma estesia da palavra;

3) possuem Autores em comum (Vinícius de Moraes, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Torquato

Neto, Cacaso) ou sofrem recíprocas (românticos e modernistas retrabalhando canções populares, música de mercado rerepresentando poemas preexistentes — Cecília Meireles e Florbela Espanca musicadas por Fagner e o "Soneto da Separação", do mesmo Vinícius, transformado em canção por Tom Jobim);

4) muitos de seus Autores são notórios leitores de Poesia, de Cartola, aludindo a Guerra Junqueiro, a Caetano Veloso, tão ligado a Fernando Pessoa ou citando os concretistas brasileiros, e Chico Buarque, parafraseando Drummond;

5) outros deles participam ativamente de tradições da Literatura Oral, como Patativa do Assaré, Humberto Teixeira e João do Vale.

O livro **Letras e Letras da MPB**, de Charles A. Perrone, resolveu a questão a partir da língua inglesa, em que Letras de canções e Versos são igualmente *lyrics*: identificou as primeiras como "*artefato poético*".

É bem verdade que as Letras se mantiveram mais apegadas a determinadas soluções poéticas tradicionais: refrões, métricas fixas, oralidade, consoantes de apoio. Isso não as exclui, todavia, do campo da Poesia. É possível que a maior parte das Letras de canções se mantenha num patamar modesto de diluição, no sentido definido por Ezra Pound (**ABC da Literatura**), mas muita Poesia publicada em livros ou suplementos culturais também ali se situa. Num certo sentido, portanto, as Letras ocupam um nicho onde boa parcela da Poesia se localiza, despertando, eventualmente, a ira de vanguardistas radicais. Leitores mais flexíveis diante de múltiplas maneiras de ser do Poema, entretanto, conviverão facilmente com aquela sua forma específica.

Um aspecto da tensão contra as Letras de canções pode ser proveniente de um drama brasileiro de política literária: no final dos anos 60, os concretistas paulistanos argumentaram que a Poesia no Brasil estava sendo feita pelos Letristas, despertando críticas inclusive de um Letrista/Poeta como Cacaso, no livro **Não Quero Prosa**. Certamente, aquela tese é

muito duvidosa na condição de lugar exclusivo da Poesia, até porque a produção de Letras pelos concretistas é bem pequena. Rejeitá-la, no entanto, não precisa refazer seu erro com sinal invertido, negando a qualquer Letra de canção alguma condição Poética.

A contrapartida dessa condição Poética das Letras de canções é a face musical dos Poemas: larga parte da Poesia européia mais clássica (de Homero aos medievais), retomada mais recentemente, era oral, até acompanhada por instrumentos musicais.

Para superar falsas dicotomias do tipo "bom mesmo é Poesia escrita, toda Letra de canção não presta" ou "Poesia escrita acabou e suas tarefas foram transferidas em bloco para as Letras de canções", um passo inicial é abandonar preconceitos e encarar criticamente Poemas e Letras específicos, analisando seus alcances e limites, tarefa difícil mas necessária e infinitamente superior à repetição de chavões. Vale lembrar que esses preconceitos estão muito ligados a outros que supõem toda escrita superior à oralidade (sintomático, como argumento de classe, num país com altas taxas de analfabetismo) e toda produção artística de circulação restrita sendo melhor que os fazeres conhecidos em larga escala, cujo caráter patricinho (cf. os patricios da Roma antiga e as atuais patricinhas) não merece comentários. A própria cobrança de que os Poetas tenham uma cultura poliglota esbarra em preconceitos eurocêntricos (onde estão as Poesias em japonês, tibetano ou idiomas africanos e ameríndios, dentre outros?) e de classe (devemos fazer *tabula-rasa* da Literatura Oral?).

Diante disso, nada impede que a escrita de um canônico Poeta simbolista francês da segunda metade do século XIX (Paul Verlaine) se encontre com o texto de um Sambista mineiro-carioca de meados do século XX (Ary Barroso) para lembrar que Poesia e Letras de canções têm mais pontos em comum que traços de exclusão:

(Samba-)Canção de Outono.

Os soluções
Dos violões desse outono
Ferem-me o cor
Com um langor mono-ono.

Eu, sufocando e creme,
Na hora h,
Reapanho os dias de antanho
A chorar.

E me vou mal
No vento mau
Que me porta p'ra cá, p'ra lá
Qual "Hoje sou folha morta".

Marcos A. da Silva, norte-rio-grandense, é historiador e artista visual. É autor, dentre outros livros, de *Prazer e Poder do Amigo da Onça*. (Paz e Terra)

Sete violetas mortas

Josimey Costa

Desconfio que o meu apartamento lembrava uma floresta. Como você sabe, sempre gostei de plantas. Eu tinha quarenta e oito violetas plantadas em vasos quando você me visitou. Não uma dúzia, mas quatro dúzias de violetas em vasinhos pequenos, daqueles que os supermercados vendem em pencas. Eram uma beleza. As violetas, como todos esperam, estavam timidamente apoiadas em folhas verde-escuras aveludadas, por vezes meio ocultas, freqüentemente ausentes, mas absolutamente existentes. Disso, não havia nem a mais ínfima dúvida.

Eu agüava os vasos três vezes por semana. Não mais, nem menos. As folhas apodrecem quando recebem muito água, e amarelecem quando sem atenção. Eu nunca me esqueci disso, nem você, tenho certeza. Mas isso não foi suficiente.

Naquele dia em especial, eu não estava esperando você. Nunca esperamos essas surpresas, não é mesmo?

É por isso que são surpresas. Assim, abri-lhe a porta da minha sala. Melhor: escancarei-lhe a porta da minha sala. Qualquer um poderia ter entrado por ali, mas teria passado rapidamente e saído pela porta dos fundos, que eu nunca trancava. Eu, hóspede na minha própria casa, como você descobriu tão facilmente, teria observado o intruso e, no máximo, lhe oferecido um chá. Não a você, seu metido. A ele, o qualquer um. Se ele quisesse, saborearia comigo as minhas especiarias guardadas tão displicentemente. Se não, passaria como uma lufada de vento, como um carro-dosom assombrando as esquinas de cidades meio-adormecidas no dia em começo. Quando ele saísse, eu guardaria o meu serviço de chá, lavado, não tão límpido quanto antes, mas aceitavelmente lavado.

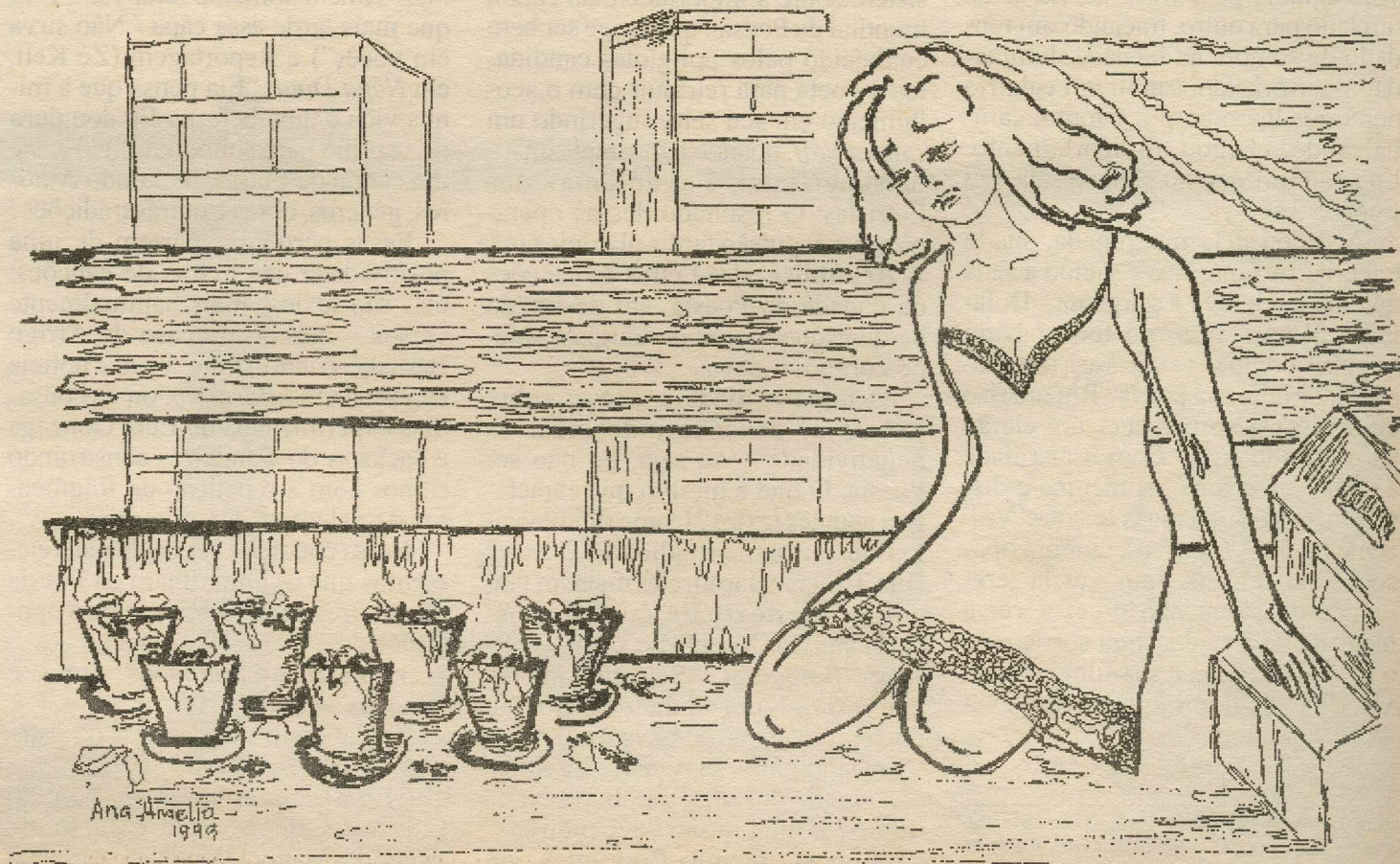
Só que não foi qualquer um que entrou pela porta. Foi você. E você não quis somente passar.

Você entrou e reparou nas minhas violetas. Havia umas expostas, desabrochadas por entre as folhas gran-

des e macias. Outras, esperavam tempo melhor. Também existiam as mal-nascidas, cujas folhinhas lembravam as próprias flores, miúdas e delicadas, enquanto algumas pareciam haver desistido de se impor à vida e desexistiam nos vasos. Você não somente viu tudo, mas apalpou, cheirou, revolveu a terra, replantou as que relutavam e agüou as que apenas resistiam. Não satisfeito, mostrou novos lugares-de-estar para as minhas violetas, simplesmente aceitando quando eu não concordei com algumas das mudanças. Isso, porém, só fez ressaltar a sua presença. Qualquer uma das suas atitudes eram exatamente isso: atitudes, com toda a crença e a consciência que as atitudes precisam ter por trás de si para serem o que são.

Como foi você quem entrou pela minha porta principal, eu recontei, uma a uma, as minhas violetas. Na verdade, renomeei-as. Lógico, ainda eram violetas. Mas eram violetas azuis, roxas, lilases, loquazes, olorosas, discretas, sem-vergonhas, leitossas, cristalinas, opalinas, diamantes vegetais, assinaturas personalizadas. Quarenta e oito fractais de cor, duas dúzias de perfume em sublimação. Quatro dezenas e oito unidades de mim sobre e sob a terra úmida em vida lenta e silenciosa.

Dispostas desse modo, minhas violetas regurgitaram clorofila, inspiraram oxigênio e transpiraram seiva. E cresceram, brotaram, desabrocharam como jasmims enlouquecidos. Você observava, cúmplice, esse desvario de selva tropical. Ainda recorro todos os detalhes daquele dia, quando você se debruçou na amurada da varanda



e acendeu um cigarro com o fósforo de uma caixa de papelão, desses que parecem existir apenas para que hotéis e boates possam oferecer brindes. Você puxou um longo trago, soltando sem pressa a fumaça para fora do âmbito das violetas, os olhos apertados como que para evitar que a luz lhe ferisse as retinas. Na verdade, hoje eu sei, isso era um ato de contenção. Você sabia perfeitamente que seus olhos aprisionavam ao ver. Que furavam como lasers; por isso, os mantinha quase sempre velados. Suas íris cinza-azul-esverdeadas só se mostravam em clarões muito rápidos. Fatais quase sempre, mas não para as minhas violetas. Elas se embriavam desmedidamente daquela luz e resplandeciam.

Você amassou a carteira vazia. Era seu último ato aqui, arremate de uma vida de fumante e também o sinal da partida. Da sua e, se eu quisesse, igualmente da minha. Eu já havia sido abundantemente avisada disso e esperava apenas pelo momento de, enfim, decidir. O momento chegara e eu nem mesmo sofri por escolher você.

A mudança começava pela repartição das violetas, que eu não poderia levar conosco. Para onde iríamos, estas violetas não poderiam ir. Haveriam de ficar, mas não abandonadas. Seriam criteriosamente distribuídas. Exclusivamente os amigos mais queridos poderiam receber minhas tímidas flores, para cuidá-las com o carinho e a mansidão que precisam regar as violetas. Eram plantas cobiçadas; por isso, não lhes faltariam tutores.

Antes que eu distribuísse todas as minhas violetas, aquela mulher apareceu. Não que fosse amiga ou inimiga, apenas não me dizia nada. Mas ela queria violetas. Amou as minhas desde que as viu, afirmava. Falou com meus amigos, mandou recados pela minha família, elogiou as plantas do mundo inteiro, dizendo-se jardineira dedicava. Ainda restavam sete violetas para encaminhar, e você me aguardava com a paciência de sempre, mas eu já não suportava vê-lo na fimbria, nem dentro nem fora, sem ficar, mas sem partir, preso ao elo que só minha inércia selava. Decidi: ela ficaria com as violetas.

À noite, liguei para aquela mulher. Disse-lhe que havia separado as últimas sete violetas para ela. Poderia vir apanhá-las na manhã seguinte, a mesma manhã da nossa partida. Ouvi-a agradecer educadamente, e adormeci, pela última vez sem que você velasse meu sono. Não sonhei. Eu queria que a noite se escoasse como um oco, e os sonhos fazem a noite durar.

Acordei muito cedo. Estava tudo pronto, arrumado há muitos séculos. Eu nem precisava conferir qualquer

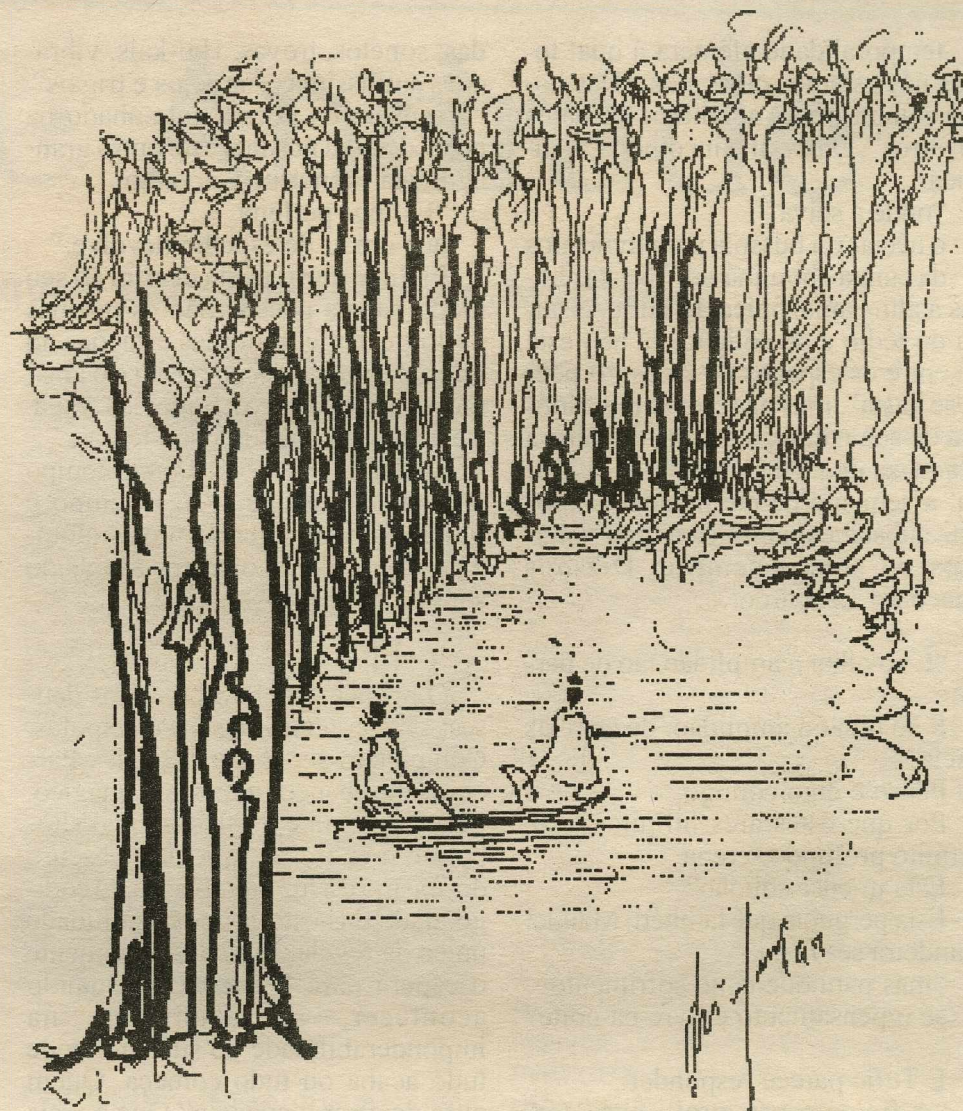
coisa. Sentei-me numa cadeira para esperar, tomando café e olhando a janela que enquadrava as vidas desenroladas nos outros apartamentos. A campainha tocou justo dentro do meu coração. Você? Não: ela. Sorri, aquele meu sorriso chocho, que você diz que desafia a gravidade porque torce para cima cantos de lábios que, claramente, deveriam estar para baixo. Conforme combinado, ela tinha vindo pegar as violetas. Estavam na varanda, e chamei-a para pegá-las comigo.

Tropecei no meu próprio espanto quando abri a porta e olhei para aquele cantinho de chão, abrigado do sol, mas claro e fresco, exposto ao orvalho. As minhas violetas, todas as minhas sete violetas restantes das quarenta e oito que eu cultivei até a sua chegada e a nossa iminente partida, as sete violetas que eu daria para ela estavam mortas. Mas não simplesmente sem vida. Estavam secas, crestadas, enegrecidas como se eu as tivesse plantado no deserto ao meio-dia, sem água e com areia solta, e como se elas tivessem passado pelo menos sete dias sob o sol a pino.

Depois de uma quase eternidade muda, olhei para a mulher, angustiada pela morte súbita das violetas e preocupada com o que ela pudesse pensar de mim, de que ela supusesse que eu havia matado as violetas e a tivesse chamado para testemunhar o epílogo de uma brincadeira absolutamente sem graça. Ainda assim, disse-lhe que as plantas estavam vivas, quase pulsantes na noite anterior, e que eu não só lamentava, como definitivamente não entendia o que poderia ter acontecido com elas. Ela olhou-me durante uns momentos. Em seguida, encolheu os ombros mais com indiferença do que por resignação. Agradeceu e saiu da minha casa sem sequer um derradeiro olhar de pesar pela morte das violetas.

Aquelas violetas pressentiram o destino que as aguardava. A mulher não amava minhas flores o suficientemente para lamentar vê-las sem vida. Violetas deveriam ser, para ela, como bijuterias, desejáveis enquanto belas, inúteis e completamente sem importância quando perdem o brilho. Basta jogá-las fora e comprar outras. Você, porém, sabe que violetas não são bijuterias. Não são nem jóias. Não perdem simplesmente o brilho. Morrem. Não duram para sempre. Perpetuam-se em novas e diferentes violetas, mas se, e somente se forem muito amadas. Só assim se pode saber de quanta água precisa uma violeta para viver, e só assim se pode cortar-lhe a folha viva para que ela se enraíze e se faça nova quando já tiver há muito tempo morrido.

Josimey Costa, norte-rio-grandense, é jornalista, contista e poeta.



A poesia amazônica de Jorge Tufic

Dorian Gray Caldas

Quando me refiro à poesia de Tufic, não estou necessariamente pensando na verde mata e muito menos na problemática mata submersa, à qual Peregrino Júnior chamava de "Inferno Verde". Nem inferno nem paraíso e, obviamente, por se tratar de um autor sério, afastada a hipótese do pitoresco. A obra de Tufic caminha para a vastidão amazônica da alma, na medida da extensão do que já escreveu, e na profundidade da sua linguagem e na exegese de seu estilo; aproveitamento reflexivo e interativo da sua densidade poética. Livre dos fios da lenda, embora conhecendo-as, o poeta identifica-os com as tragédias humanas, analisando-as com intensidade abissal e interioridade emotiva; completa-se no rito mítico amazônico como num diptico.

Conhecedor do habitat amazônico; as suas implicações monumentais e singularíssimas; não se deixa, todavia, seduzir apenas pela beleza pictórica dos seus rios e de seus fenômenos; e vai além em busca das alturas, vivendo a experiência da vastidão e da verticalidade: verdes e verdes; densidades e belezas edênicas, pela sua sensibilidade.

A semelhança de uma nova "Invenção de Orfeu" do nosso Jorge de Lima; reinventa a grandeza amazônica sem perder o fio das ilações universais. O poeta Tufic, referencialmente comprometido com o seu tempo e com a poesia, sabe cumprir calendários desta angústia cotidiana do homem moderno, do poeta de hoje, e o faz com perfeita consciência de estar vivendo a aguda verdade de nossos dias. Se a alma é amazônica, o poeta não esquece a

temporalidade efêmera à qual todos nós estamos ou somos. 'Das horas comuns (que) adquirem formatos bizarros'. O trivial o incomoda, a sufoca.

"onde a seiva
o néctar e a bússola para livrar-nos
da canga abominável." Nestas horas a alma amazônica de Tufic, o salva do tédio e da solidão. Já não está só entre os espaços de Deus. 'O poeta se gasta', mas na reserva mais íntima de sua natureza a alma trabalha a grandeza da forma. A palavra, a sílaba, a semente da eternidade. Somos esta substância anímica à qual voltamos ou somos sempre. Diz-nos Giacomo Leopardi:

"E ao olhar a amplidão tão de perto;
E ao olhar a amplidão, de estrelas cheia,

Penso e digo comigo:
Por que estes ares infinitos, este infinito profundo serena,
Esta imensa solidão? "
Esta pergunta que também Manuel Bandeira se fazia:

"mas para que tanto sofrimento
se o pensamento é livre na noite?"

E Tufic parece responder:
"A fronte pensa e rola, aves gorjeiam
não pelo sol que morre: a luz que levam
sob as asas é o grão de eternidade."

E talvez isto, salve o poeta; ser o arauto desta beleza da hora. O momento que passa se eterniza Tudo foi ontem, mas a vida renasce plena e superior à sua vontade; como os rios largos e as árvores gigant@s; os pássaros raros, as fontes luminosas. Que não se apaguem os quasares distantes no lampadário do céu, nem o poeta deixe de sentir que há um caminho indivisível entre as estrelas.

Se a "silêncio das coisas nos envolve", nele constróis tua palavra imperativa; mais eterna que a própria majestade dos deuses. Sabendo, todavia, que somos isto que passa "outros/ que a tanto

em tempos idos, aspiramos
Somos esta eternidade que calam. Feitos do pouco que somos ou pensamos ser. Somos divinos corno pensava Walt Whitman? Ou sornos apenas este pensar no divina, enquanto anima a vida, a chama, a espera da partida? Mas, a missão do poeta é esta: cantar a vida enquanto anima o verso e a palavra faça-se ouvida. Em Tufic, abdga-se esta grandeza do homem pelo deus que (lhe) habita. Nós todos somos ungidos "de medo e encantamento". Perpassados pela seta das rimas, pelas cintilações dos sonetos, pelos relâmpagos da alma. Bala-

das, sonetos, trovas, Hai-kais, vibrações sutilíssimas, "arpejos e trigais", "o espírito da poesia entranhado na pele" do qual nos fala este outro grande poeta Francisco Carvalho:

"Esfinge perfeita
que um ar de espelho devolve."

Esfinge que o poeta decifra ao seu modo na sua poesia. São os poemas de Jorge Tufic múltiplas estações no inferno e no paraíso, o cristal e o abismo; a torre alta e o fragor da vaga. Levanta o poeta "do chão teus

/pedaços." Poesia, refaz o tempo da semeadura que todo o tempo é plural. É para inventar novas alquimias do verbo e novas metáforas do sonho.

(11)

O poeta é este intérprete dos deuses; seus criadores e seus discípulos. Completam-se. Enganador das Parcas, saltimbanco, trapezista, mágico. Cria a palavra e a salva. Cria o símbolo e o exorciza. É o lado obscuro do abismo e a luz da salvação. O código alado das estrelas e possibilidade única da revelação. Deus certamente o espera para o encontro. Quando acontecer, se acontecer, na imponderabilidade do silêncio, onde tudo acaba ou tudo começa. Quem ousa decifrar o silêncio? Que é mais puro que os deuses que tem mais energia que os átomos? Reis curvam-se aos seus pés desde a antiguidade. Sonham os homens e eternecem-se as mulheres ao ouvir os poetas. Se os deuses sonham o Paraíso, os poetas sonham a poesia. "Nas horas vagas (é) pastor de ovelhas", senhor das claridades e das sombras.

Forças invisíveis pulsam em suas veias; correm rios amazônicos no seu ser

de vastidão; "os movimentos têm ritmo sagrado" no ritual de sua poesia amazônica.

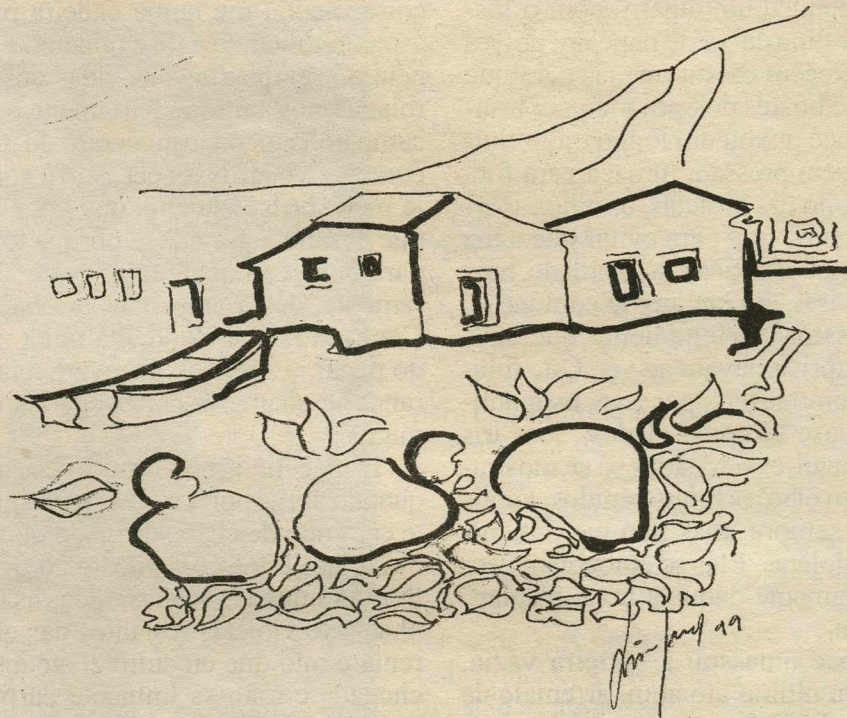
Poder edênico, o incomensurável flutua da floresta. O que pode ser maior e mais sagrado que a natureza? Geração de mãe, Geia. Mãe, informe do princípio e o princípio de um fim.

"Ali vem Makunaíma
um lado de seu corpo é bananal
maduro

o outro lado é um rio de peixes,
Ou quando acontece:
"O assovio é de vento

o vento é um pássaro
e o pássaro é gente."

Lembro aqui outro grande poeta, Raul Bopp "Cobra Norato", mais restrito ao universo amazônico, o que não é o caso de Jorge Tufic, transamazônico e transcontinental, aberto a contradições do nosso tempo, mas que também faz o viés ama-



zônico costurando a própria fibra nativa com o material que a natureza lhe fornece. Sem ser paráfrase de nenhum modelo. Acompanhando a sinuosidade dos rios; os movimentos das águas e das árvores; a linguagem dos nativos, paraóaras das regiões ribeirinhas; o ir e o vir dos regatões; tão bem documentados por Peregrino Júnior no seu livro "Mata Submersa".

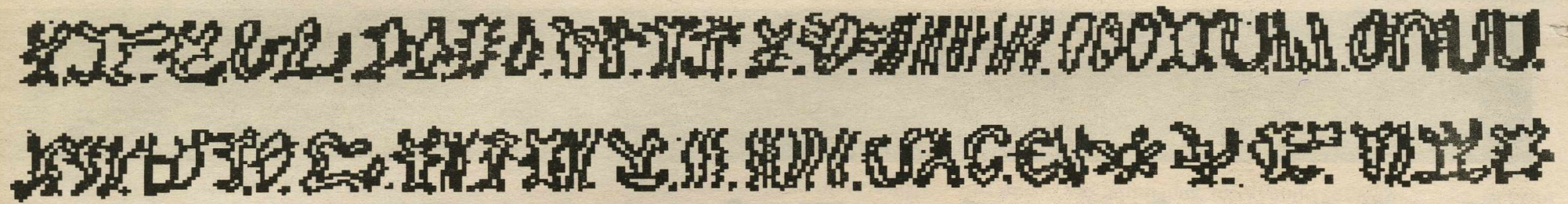
Jorge Tufic identifica também a misteriosa presença metamórfica dos seres e das plantas: a escatológica dança ritual dos sapos e das cobras, da grande cobra Norato engolindo os dos e engordando os dbeirinhos dos dos; "com a bardga - universo-gente", vai arrastando-se, metamorfoseando-se, "aumentando de tamanho", até não se distinguir mais o que é metáfora e o que é natureza na alma anêmica da floresta.

E no princípio: "antes do dia da noite" "tendo formado a terra", os poetas assim como Tufic, das coisas invisíveis e visíveis, foram povoando a terra, as sementes, os ventos e os trovões, os ecos e as cachoeiras; os filhos dos trovões e os filhos das pedras brancas; as águas para os rios e as cobras noratos, sinal ritual da sabaça e do pecado. A onça invisível do universo dava os seus primeiros passos e "traçou os caminhos do universo". "A noite dormia (nos primeiros tempos) no fundo do rio" e os indígenas pensavam em seus ancestrais dormindo o sono profundo no fundo do do nas noites profundas. É só abrir os olhos da noite para que aconteça o dia do entendimento. "A onça invisível do universo" devoradora era o mistério da própria indissolubilidade do universo. Este amálgama de grandezas ainda latente no mito e necessária para que Boléca, "o chefe supremo Desâna, (olhe) detidamente para o sol" e inicie suas

andanças "nos quatro cantos do mundo." As histórias indígenas vão tomando sentido e objetivação. "É a pedra que vê". A boca do arco-!ris. "Puçanga de lua". Mandioca - moça branca desenterrada. "Matinta perêra." "O vento que é um pássaro.", "Makunalma (que) é o princípio do invento", seres e mitos, contos e lendas transfigurados em verdades; chão, pedra, rios, árvores. Estas lendas fizeram o Decameron indígena deste outro grande brasileiro Nunes Pereira, estudioso do universo amazônico, registrador e conhecedor profundo da Amazônia. Registre-se também a obra monumental de Artur César Reis, na sua Antropologia dos Costumes da Amazônia.

Preferiu Jorge Tufic a visão poética e abissal da Amazônia. O poeta tem este direito de "pisar devagar, as Sete Estrelas no sono da Cobra Grande" ou traçar novos caminhos do universo com a semente de suas palavras. Prostrar-se diante das grandes divindades e sentir as "sutilezas do silêncio" sem perturbar-se com "O alarido das glórias", consciente do "outro" que lhe habita. Enquanto tiver voz, canta o seu canto, desde o Ragtime, sob as luas de Langston Hughes, aos cantos rituais dos negros nos seus países de origem; canta e canta os Salmos de Davi ou os Cantos Gregorianos, sob as arcadas medievais; escreve as sextinas e as glosas, as trovas e os poemas heróicos que o seu canto é para ser ouvido em todos os quadrantes e traduzido para todas as línguas. Sílabas de relâmpagos, patamares de pedra e pórticos perfumados. A palavra do poeta perdurará como os Salmos dos profetas, apesar das guerras e dos equívocos, das incertezas e das injustiças, plena, pretórica, alta como a estrela da manhã.

Dorian Gray Caldas, norte-rio-grandense, é artista plástico, poeta e ensaísta. Escreveu, entre outros, Presença e Poesia e Campo Memória. Labim/UFRN



A Imortalidade do Filósofo

Tassos Lycurgo

A humanidade, ao que parece, é fruto da repetência de seus espécimens. Nada mais infausto que um homem cuja individualidade mesclou-se no clamor das massas. Não há, estou certo, maneira mais rudimentar de encontrar-se no mundo que aquela na qual o indivíduo é obrigado a desaparecer, gradativamente, em prol da massificação coletiva. Que não se me apresentem replicações descabidas! Falo da negação do homem, do indivíduo, para que se afirme a humanidade, e, conseqüentemente, da fuga deste processo, isto é, da criação do filósofo. O filósofo é aquele que foge da pasmeira, que há, invariavelmente, na perda do indivíduo. Existem, desta sorte, os que se afirmam com a veemência dos trovões e martelos; e estes merecem o mais profundo respeito. Desta feita, há de mister que se diga: a humanidade é abúlica, mas os indivíduos surpreendem...

Note-se, pois, que, ante a suggestionabilidade que as massas a uns e outros nos impõem, inda se encontram homens livres, alforriados da rubra escravidão dos severos ditames da existência. Todavia, há de ser dito que liberdade é em certos casos o sustentáculo do cárcere, do calabouço. Mais que isso, à frente que alguém se sinta confortável na referida prisão, há de mister que se grite que clausura é estado de insciência, e os que dela se nutrem fecham os olhos e deliriam-se da ignorância. À parte o caráter do que foi dito, inda se faz válida a réplica: por que continuar de olhos abertos no intuito de se procurar o que desde já se sabe que não pode ser encontrado? Esta é a sina do filósofo. Filosofia é, nesta bitola, atividade auto-destrutiva. Filosofia é mostrar o quão absurdo é se fazer filosofia.

Muitas são as idéias rubras como rubro é o sangue. São idéias vivas, argutas, penetrantes... Eis o alimento do filósofo! É a razão de sua fome é a sua agonia. Filosofia é transformar-se no que precisa ser transformado. É um processo infundo, imperfeito e radicalmente belo. Filosofia é expor a solidão do filósofo. É transvestir de verdade os meios pelos quais se destruirão, como se fosse ela um martelo, todas as outras verdades. O que é mais inóspito que a idéia de um filósofo? Quiçá, apenas sua ironia sagaz, e seu escárnio por si mesmo.

Contudo, à parte quaisquer reflexões — porventura, pretensivas —, na contumácia desarrazoada de uma velha mula, o homem



comum continua a sua jornada alheio à busca de um quê o qual não se apreende, mas que parece ser força vital do encantar-se com o mundo. Filosofia é encantar-se, surpreender-se com o mundo. É apaixonar-se pelo mundo, independentemente de quaisquer certezas. Filosofia é atividade artística; é criação astuta; é, enfim, inovação nobilíssima do espírito libertador. Contudo, como sobre o mar não deixa de existir a borrasca, há, sobre a alma do filósofo, uma certa abulia, um fantasma do niilismo, um temporal que

instiga, inquieta, intranqüiliza...²apaixonar-se E é esta doença que faz do filósofo um ser estranho, quase imponderável. Ele quase que chega a adorar sua própria desgraça, e, à frente de que esta se torne uma desdita, a infortuna do filósofo passa a ser sua mais fiel companheira... O filósofo vive a sua morte, e, neste sentido, ele se torna imortal.

Tassos Lycurgo, natalense, é mestre em filosofia pela Universidade de Sussex, Inglaterra.

POESIA E POESIA

Márcio de Lima Dantas

Pois é a poesia dedica este número a Márcio de Lima Dantas, que acaba de lançar seu livro *Metáfrase*, com a arguta apresentação de Paulo de Tarso Correia de Melo. Acrescento apenas que poucas vezes presenciei uma estréia tão madura, uma poesia que permanece serena até quando se exalta, fruto da sensibilidade e profundo conhecimento de poesia do autor. Dizer mais será redundante e intempestivo.

Considerações e revelações sobre um poeta

1. Considerações

O título *Metáfrase* resume e integra definitivamente este conjunto de textos de considerável amplitude vivencial e rara unidade expressiva. Nele a constatação se inaugura: o significado transcende o significante. Além da escritura, alheia e pessoal está a vida de todos.

Antes de tudo, *Metáfrase* é uma longa reflexão sobre linguagens, não apenas a linguagem literária e poética, mas as linguagens artísticas em geral, incluindo impressões de música e artes plásticas como a pintura, a escultura e a arquitetura. Tal amplitude de perspectiva, no entanto, decorre menos de pretensão ambiciosa que de um olhar agudo. Este olhar é disfarçado no olhar do outro. É através de uma seriada revisão da tradição, escamoteada em retratos, falsos pastiches e citações escondidas, que o autor edifica, metafrasicamente sua perceptível linguagem pessoal: um ensaio lírico independente de espaço e tempo e, ao mesmo tempo, um livro de viagens interiores e exteriores que sugerem, ocultam e revelam uma autobiografia. Uma equilibrada, engenhosa e formalmente conseguida terceirização da primeira pessoa.

A linguagem, a escrita, o livro são admitidos tacitamente desde o início da viagem vivencial, como o autor considera em *São Jerônimo*:

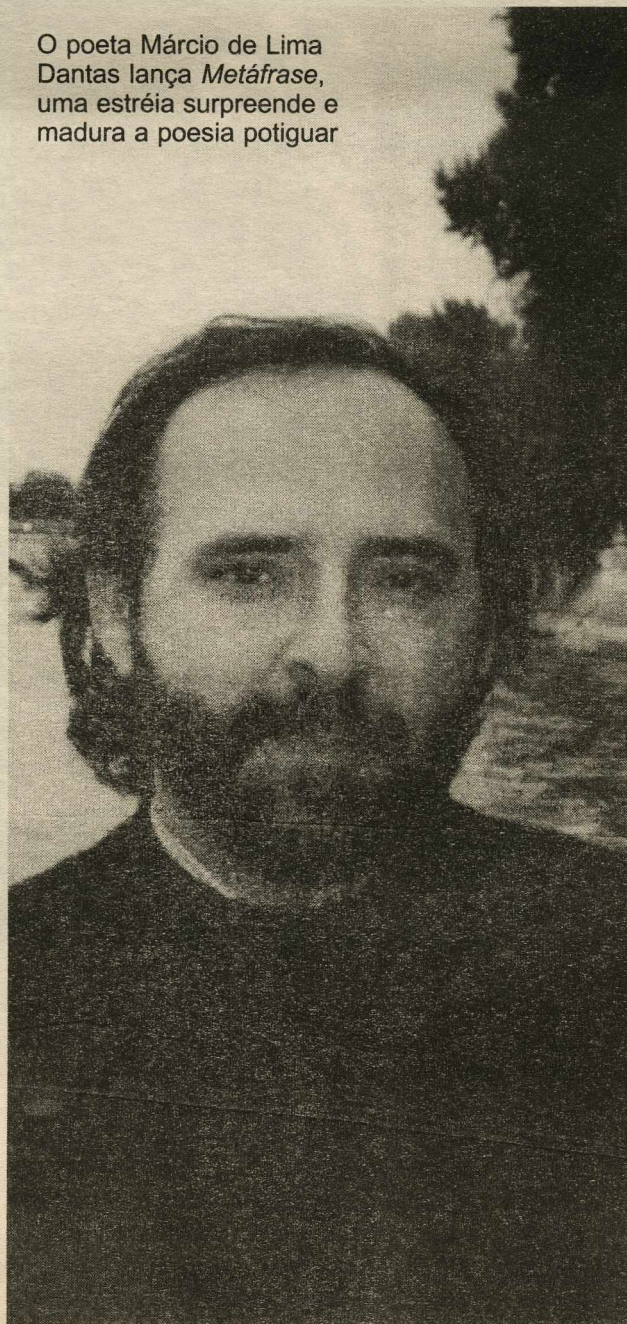
« Em viver na companhia do livro, compreendendo que do linear também evolui-se um sentido, não para a vida, mas para o tempo, não é dizer de uma incompatibilidade com o que nos foi dado sem escolha? »

Tal admissão evolui em investigação onipresente e obsessiva que se expressa em *Lendo o capítulo x de Repouso de Cornélio Pena*:

« Somos assim de uma natureza tão parecida que as páginas dos livros nos decifram numa compreensão dos eventos que aconteceram de mesmo mesmo, ou melhor, nos projetamos nessas frases de cadenciada melancolia para extrair confortos? E se é por uma questão de narrativas organizando nossos próprios segredos, muitas vezes desconhecidos, então por que ao próximo não ditamos as sílabas para soletrar? »

O discurso reflexivo sobre uma tradição que nos é dada sem escolha perpassa todos os tempos e lugares da experiência do autor. Em cada um deles estão impressões de idéias e artes várias, de poesia, principalmente, de Verlaine a Auta de Sousa. Vale destacar, no entanto, que o registro é o mesmo. Apesar das ressonâncias da grande tradição contemporânea brasileira e de uma

O poeta Márcio de Lima Dantas lança *Metáfrase*, uma estréia surpreende e madura a poesia potiguar



entrevisível síntese da tradição poética, não existem tentativas de evocar o regional, que embora presente, está sem concessões ao pitoresco. A poesia do autor se inscreve em um registro universal. O poema sobre Auta de Sousa, por exemplo, poderia ser sobre o fracasso de um escritor em qualquer literatura, de qualquer lugar.

Assim sendo, o presente livro insere-se em uma nova vertente da poesia que se faz no Estado neste fim e princípio de século. Além do registro universalizante, uma poesia caracterizada por uma atitude ensaística, relacionada a um perceptível teor acadêmico, abrigada, embora ainda pouco estudada, no âmbito da universidade. Ainda que essencialmente negando uma atitude cientificista, poesia que é um olhar pós-moderno sobre o mundo, se não apenas de aceitação e contemplação, seguramente de constatação e reflexão. Refutadora do transbordamento pessoal e refratária ao discurso político repetitivo.

2. Revelação

Antes de graduar-se em Letras, Márcio de Lima Dantas fez-se engenheiro agrônomo e exerceu a profissão. Deste trato empírico talvez decorra a aceitação da poesia como um construto, a negação de uma inspiração transbordante. Talvez decorra mais ainda, o fato de que sua poesia, por ele classificada como discursiva e descritiva, vá muito além disso e se caracterize no Estado como raramente reflexiva. Do trato empírico, seguramente, deriva uma oralidade marcada pelo real e um aproveitamento do falar cotidiano que, quando aparece, é feito sem comprometer a reflexão sobre grandes temas da arte e da existência que são constantes nesta poesia. Reflexão feita a partir do real, do Deus de Unamuno e San Juan de La Cruz ao comum de uma chuva em Fez ou vagas notícias de Algeciras. Na poesia de Márcio as evocações distantes e a revisão mitológica não são inexato adorno, querido ao parnasianismo, mas fruto da experiência vivida e lida.

Nascido em Patu (RN), Márcio de Lima Dantas, professor de Literatura Portuguesa e Brasileira do Departamento de Letras da UFRN, é mestre em Literatura Comparada e atualmente doutorando em Ciências Sociais pela Sorbonne (Paris V - René Descartes). Daí decorre a atitude ensaística de sua poesia. Mais: Márcio verteu para o francês em parceria com o professor *agrégé* de filosofia Emmanuel Jaffelin quatro livros de poesia da poeta paulista Ordes Fontela, publicados em Paris pela editora *L'Harmattan*.

A última revelação, o bom leitor fará para si mesmo. *Metáfrase*, primeiro livro de Márcio de Lima Dantas é uma estréia surpreendente e madura.

Paulo de Tarso Correia de Melo

SÃO JERÔNIMO

Em viver na companhia do livro,
compreendendo que do linear
também evolui-se um sentido, não
para a vida, mas para o tempo,

não é dizer de uma incompatibilidade
com o que nos foi dado sem escolha?

E podemos chamar de voluntária,
uma coisa que nos alimentará por
toda a vida sem que a ferida que
demanda, não seja por nós construída,
mas outorgada no momento em que
gritamos à luz pela primeira vez?

ELEGIA
PARA GRANADA

Três luas de vinho tinto brilharam
na noite de Granada, como três
degredos renovados em absoluta
franquia de solidões desassossegadas.

NOVA CANÇÃO
DO OUTONO

*Les sanglots longs
Des violons*

De l'automne

Blessent mon cœur

D'une langue

Monotone.

Paul Verlaine

No outono, pelo menos,
há uma luz sem procedência,
imaginamos sua fonte
resignados em casa, quietos.

Despojando-se do verde
das árvores, a paisagem
traz grãos de pensamentos
estéreis, mesmo se aguçados.

Chuvas breves, intensificando
o cinza, lavando a fumaça
das estações anteriores,
não alcançam jamais a alma.

E resta como consolo a
fria luz que, amarelada,
dando âmbito ao seco perfil
adentra pela janela, baça,

cerrando os olhos para melhor
deixar vazar os veios da imaginação.

Resgate

Maria Gilza de Medeiros

Se encontrasse o gênio da lâmpada
Lhe pediria que expandisse minha capacidade de memória
Num processo semelhante ao que é feito com os computadores.

A vida não bisa.

Não sei quanto tempo me resta para viver
tampouco a qualidade desse porvir.

É necessário acessar

A qualquer instante
os arquivos do até então...

Nesses dias trevosos
impregnados de incertezas e inquietações
urge que reencontre
aquela criança confiante e sem medo
contagiada por inabalável esperança
para quem todas as manhãs eram radiantes promessas de luz.

Que a recordação substitua os amores
quando estes tiverem partido por algum motivo...

Que a terna essência
de todas as mulheres em que vim a me tornar
- na sua incansável faina de tecer -
recomponha sempre

ponto por ponto
minha fé na vida

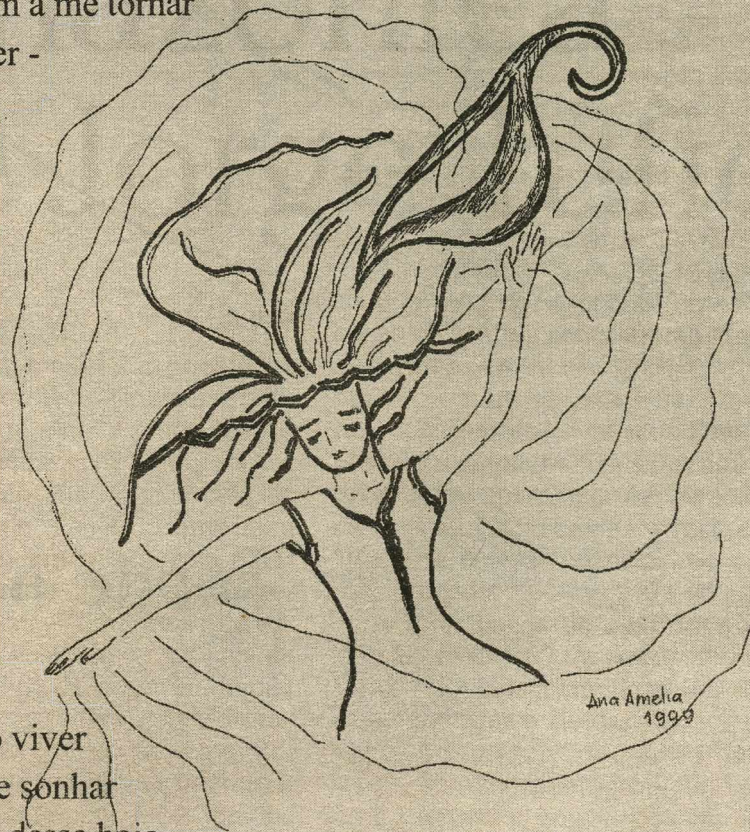
e eu venha a ser
um bálsamo

para os que encontrar
abalados pelo desencanto
pela descrença
pelo desamor.

Que seja seletivo
- porém clemente -
esse resgate.

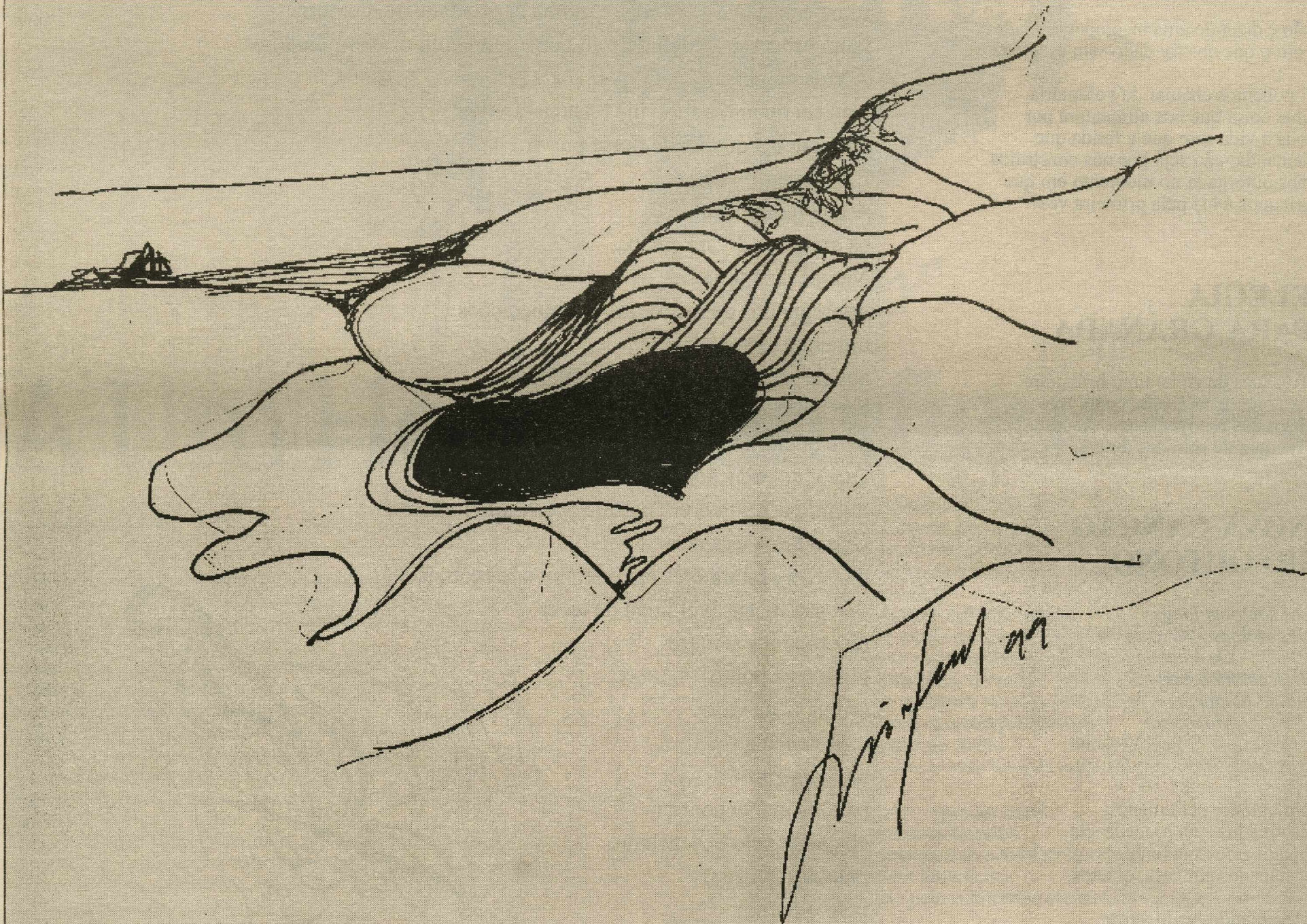
Assim

sem lamentar o que me foi dado viver
nem privar-me da capacidade de sonhar
amparada na tênue consistência desse hoje
serenamente
enfrentarei o amanhã.



Maria Gilza de Medeiros é servidora do INSS em Natal-RN. Com este poema ela obteve o 1º lugar no júri técnico do concurso Talento/99, promovido pelo órgão.

onde as dunas
onde as dunas da cidade
onde as dunas da cidade do natal
onde as dunas da cidade do natal sem deus



aonde o verão
aonde as dunas do verão
aonde as dunas velozes do verão
aonde as dunas do verão veloz de deus

Jarbas Martins

LIVROS. Lançamentos.

Nelson Patriota

Antologia
Nordestal Editora,
Recife/PE
1999



É comum que as antologias apresentem desníveis. Mesmo aquelas feitas sob os mais rigorosos critérios acabam apresentando oscilações que, todavia, não desmerecem as boas escolhas feitas. A antologia *Poesia Viva de Natal*, organizada pelo crítico Manoel Onofre Jr., é exemplar nesse aspecto: tem os méritos e deméritos inerentes a ela. As dificuldades enfrentadas por quem se aventura nessa tarefa começam pela limitação da oferta de bons poemas, uma vez que está restrita à produção dos poetas em atividade, fator que não deixa de dificultar o trabalho de seleção, até pela proximidade com os poetas, simpatias, etc. Apesar disso, *Poesia Viva de Natal* acerta quando elege determinados poetas. Por exemplo, Marize Castro - seu tríptico *Natal* é o melhor exemplo do que se pode pedir da 'poesia viva' de uma cidade; Celso da Silveira - seu *Memorial do Grande Ponto* resgata parte da Natal de ontem com humor e poesia; Nei Leandro de Castro, com sua dicção cabralina em *A cidade: um ser vivo*, redimensiona os parâmetros tradicionais da nossa poesia; Luís Carlos Guimarães recria sob nova forma, em *O galo da torre*, um tema recorrente na poesia natalense. Poemas menores se entremeiam ao longo das páginas, como a dizer que são necessários para que a antologia possa destacar os bons poetas.

História
Instituto Histórico e
Geográfico do RN
Natal/RN
1999

O historiador José Melquíades acaba de resgatar a história do bairro de Santos Reis, mostrando que as coletividades podem ser um ótimo desafio para quem aprecia colecionar fatos e ordená-los em sequência cronológica. Em *História de Santos Reis, a Capela e o Bairro* Melquíades reconstrói a vida do seu bairro desde o final do século XVI, através da construção da Capela do Forte dos Reis Magos e que, historicamente, é a primeira igreja do Rio Grande do Norte. Em seguida, tece considerações bíblicas sobre os Reis Magos, o nascimento de Jesus e outras questões correlatas. O livro ganha mais interesse à medida que retoma a história do bairro de Santos Reis e a construção de uma segunda e uma terceira capelas no início deste século, descrevendo suas festas tradições, como a Festa da Limpa, que «até os idos de 1960, eram animadas, movimentadas e bem enriquecidas de folguedos populares». Melquíades aproveita para lembrar o quanto o prefeito Djalma Maranhão contribuiu para o brilho dessa festa. A obra prossegue com descrições da evolução do bairro, sempre em torno da tradição religiosa que animou seu surgimento, e, finalmente, comenta as grandes rupturas verificadas com a instalação dos depósitos de Petrobrás, criação do Iate Clube, do Círculo Militar, etc., concluindo com o 4º centenário da cidade.



Poesia
Casa de José de Alencar
UFC
1999



A valorização da cultura popular é um dos principais fenômenos culturais em curso no Nordeste. Um dos responsáveis por esse fenômeno é o escritor Ariano Suassuna, criador do Movimento Armorial, hoje disseminado em todo o Nordeste. O poeta e professor Carlos Newton Júnior, bom discípulo de Ariano que é, vem produzindo uma obra poética, paralelamente à sua obra de pesquisador e divulgador do Movimento Armorial, que se enriquece agora com o lançamento de *Canudos, poemas dos quinhentos*, lançado pela Casa José de Alencar da UFC. Mas não há descompasso entre os dois pólos de interesse literário de Newton Júnior. *Canudos* guarda íntima relação com o armorialismo apreendido por Ariano, e mantém íntimo diálogo com a poesia deste último. Temas como a morte, a fatalidade, a saga do herói trágico que tudo deixa para trás para um destino singular e trágico reaparecem nesse longo poema monocórdio de Newton Júnior. O terceiro *Soneto para Antônio Conselheiro* começa com "Não temo a morte nem nunca temeira/ seu terrível colar, cruel Vermeira...". Mais adiante, em *Encantação de Antônio Conselheiro*, repete o poema: "Pesa-me a vida, espero então a morte/ que virá até mim tal paraíso...". *Canudos* mostra que o Movimento Armorial permanece vivo como alternativa poética.

Correio d'O Galo

Caro
Nelson Patriota:

Gratíssimo pelo envio dos exemplares do n.º de setembro de O GALO (o primeiro me chegou na penúltima semana de outubro) com minha crônica e a entrevista, bem como pelo grande espaço e honroso destaque que a matéria ganhou. "Desvanecido" é o adjetivo mais exato para expressar como me senti, e queira receber por tudo o meu muito obrigado, o maior "muito obrigado" que a fórmula pode comportar.

Parabenizo-o pelo nível de qualidade que O GALO vem mantendo - na apresentação, na matéria, no visual - e que neste número (excluo a parte de minha autoria) está modelar. Fiquemos no aspecto matéria, onde é de se destacar o conto de Bartolomeu Correia de Melo, à altura do que é de melhor em seu admirável *Lugar de estórias*; os poemas do equatoriano Augusto Garvaghy em tradução de Nei Leandro de Castro; os textos de Manuel Onofre Jr. e José Melquíades relativos ao 4º centenário de Natal; o artigo-reportagem "Corredor Cultural", de Raul Córdula, com o levantamento do belíssimo trabalho que já se fez (por um prefeito, de parte de Fundações, de Universidades, etc., e voluntários) da alfabetização à educação popular ligada à Cultura - na faixa Natal - João Pessoa - Recife e áreas contíguas correspondentes - e que agora se amplia com base numa "relação cultural institucional conjunta" - e last but not least a seção Livros, Crítica, do amigo, com o artigo

sobre os dois volumes de contos de Carlos Trigueiro, e as considerações que o alto teor de obras como essas provoca com relação aos critérios de publicação das grandes editoras (apenas "descompasso"?), a darem uma idéia falsa de marasmo que compromete nossa literatura em processo (pelo menos ao leitor, que em última instância só toma conhecimento do que lhe é posto nas mãos), sua continuidade e a própria sobrevivência. Um contraste total, de resto, com esse trabalho cultural que o Nordeste - materialmente tão pobre - vem fazendo, o que um jornal literário como O GALO não deixa de simbolizar. trabalho, por outro lado, cujo espírito que norteia me faz maior o orgulho de nordestino, e em particular de potiguar.

Com o abraço afetuoso de
Renard Perez

REVISTA

Começa a circular dentro de mais algumas semanas a revista literária *Augusta*, projeto dos poetas Ascendino Leite e Hildeberto Barbosa Filho. O objetivo da revista é promover a divulgação de poemas produzidos por poetas de todo o Nordeste. Assim, os poetas natalenses já podem começar a selecionar poemas para veicular na *Augusta*, que tem à frente dois dos melhores poetas paraibanos da atualidade, e que representam duas gerações de poetas desse estado vizinho.



O escritor Getúlio Pereira de Araújo recebe a comenda Dom Fernando e a medalha Colemar Natal e Silva por seu apoio à cultura. A entrega dos prêmios aconteceu no dia 18 passado, na Assembléia Legislativa de Goiás, em sessão solene. Getúlio Araújo, norte-rio-grandense, vive há muitos anos em Goiás, onde exerce atividades médicas e intelectuais. É autor do livro *Presença de Luís da Câmara Cascudo em Goiás*, lançado no ano passado.

Labim/UFRN

SONETO DA CHUVA E DA VOZ

Ruy Espinheira Filho



Desde que despertei está chovendo.
Aliás, desde antes, pois, ainda dormindo,
claramente escutei chuva caindo
longe, por trás de um sonho: meu pai lendo,

para mim, *Hora Absurda*; ainda estou vendo
seu rosto em luz antiga. Quase findo
é o dia, agora, e a chuva caindo, caindo...
E em minha alma meu pai ainda está lendo.

Não é, como no poema, um ouro baço
que chove aqui: é só água do outono
que o calendário traz nos fins de março.

E a voz prossegue. E, num sonho sem sono,
me consola de mim neste cansaço
de outonos falsos, sombras, abandono.

Ruy Espinheira Filho, baiano, é poeta. Sua *Poesia Reunida* foi lançada este ano pela Editora Record.